

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**DANIEL ARAÚJO DE MENDONÇA**

**A divisão Daqui até o Lar**

**Rio de Janeiro**

**2014**

Daniel Araújo de Mendonça

## **A DIVISÃO DAQUI ATÉ O LAR**

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof Dr. Mauricio Lisovsky,  
ECO/UFRJ

Rio de Janeiro

2014

MENDONÇA, Daniel Araújo de.

A divisão Daqui até o Lar / Daniel Araújo de Mendonça – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014.

165f.

Relatório técnico (graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2014.

Orientação: Mauricio Lissovsky


1. Roteiro de Longa-Metragem. 2. Esoterismo. 3. O Livro da Lei. I. LISSOVSKY, Mauricio. II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. A divisão Daqui até o Lar

## A DIVISÃO DAQUI ATÉ O LAR

Daniel Araújo de Mendonça


Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por



---

Prof. Dr. Mauricio Lissovsky – orientador



---

Prof. Dr. Paulo Domenech Oneto



---

Prof. Dr. Fernando Gerheim

Aprovado em:

5 de dezembro de 2014

Grau:

9,0

Rio de Janeiro/ RJ  
2014

When I was little, used to dream I was a King

*How Could I Know*, Raul Seixas

Testemunha significa mártir.

*Detetive*, Godard

## AGRADECIMENTOS

Algumas ações foram necessárias para eu chegar até aqui dessa forma. Os responsáveis por elas estão aqui listados, de forma que agradeço com carinho:

Aos meus pais, por me salvarem 3.227.004 vezes, pelos exemplos de proatividade e por terem me feito nascer na então classe média petista;

Ao meu grande amigo Doutor Jorge Pio, por me tratar da asma e pela risada;

Aos meus irmãos, por compartilharem;

A toda minha família, que sempre apostou em mim;

A todos os professores desde a infância, que me ajudaram a construir alguma noção de realidade, mesmo que, volta e meia, pessoas e até coisas me acusem de tê-la perdido;

Às instituições de ensino Tabladinho, Teresiano, CAP-UERJ, ECO-UFRJ e EAV - Parque Lage, pelo ensino e testemunho das guerras micropolíticas;

À estrutura burocrática da organização do conhecimento humano, sem a qual seria impossível jogar;

A Mateus Plastino e Eduardo Zaidhaft, por quatro anos jogando Magic;

A Aline Barcelos de Brito, por ter me ensinado a cumplicidade e a aventura;

A João Gabriel Costa Pinheiro, Flora Mangini, Gabriel Salazar e Gabriel Werneck por terem participado na reconstrução do Grêmio de forma a me permitir ser presidente dois anos;

A João Augusto Videira, Davi Boia, Lucas Afonso Almeida, Rodrigo Curi, Thiago Figueiroa e Bernardo Girauta pela extensa partilha e as aventuras;

Ao time do Fluminense de 2008, por realizar a campanha mais fantástica de todas as Copas Libertadores;

Ao Fernando Gabeira, pela candidatura à Prefeitura do Rio de Janeiro de 2008;

A Samuel Lobo e Clarissa Ribeiro, por terem trabalhado duro no cineclube mais importante da minha vida, o Cinerama;

A Talita Soares, por aceitar errar no mesmo planeta que o meu;

À rapaziada da ECO-UFRJ e adjacências sócio-universitárias-subjetivas, por ter rido e feito escárnio enquanto o Diabo levava minha alma;

À Luiza Barbosa Lourenço, por ter salvado minha alma e não muito tempo depois a precipitado ao Inferno de três formas diferentes. Eu não sabia que dava pra cair paralelamente, mas dá. Sim, à Luiza Barbosa Lourenço;

Ao Daniel Vivacqua, por ter convivido com minhas pulsões mortíferas;

Ao Maurício Lissovsky, orientador deste trabalho, pelo aval ao projeto e por me permitir participar em sua vida acadêmica;

À banca de avaliação deste trabalho Paulo Domenech Oneto e Fernando Gerheim, por toparem tentar entender a minha mente;

À Prof<sup>a</sup> Teresa Bastos, pela orientação em Projeto Experimental em Radialismo;

Aos professores Mário Feijó, Amaury Fernandes, Eleonora Fabião, Maurício Lissovsky e Anita Leandro por recuperarem minha ânsia por estudo nos últimos dois anos e por abrir minha Vontade para a atuação profissional;

Aos terapeutas Sônia Garcia, José Luiz Freitas e Sérgio Oliveira, por fazerem magia;

A Norman Mailer, por ter entrado no ringue para dar o seu melhor;

A Terry Pratchett pela literatura mais bonita e coesa que já experimentei;

A Neil Gaiman por *Sandman*, *O Oceano no Fim do Caminho*, *Deuses Americanos*, *1602* e pela lógica;

À Erica Awano e Marcelo Cassaro, por *Holy Avenger*;

A Jeff Smith, por *Bone*;

À Legião Urbana e ao Pink Floyd, pelo ideal épico e a crença na partilha espiritual;

Ao Capital Inicial e ao Engenheiros do Hawaii, por jamais estarem aflitos;

Ao Oasis, pelo grito;

A Aleister Crowley, por escrever *O Livro da Lei*, entre outras orientações;

A Raul Seixas, pelo brilhantismo e por divulgar Thelema;

A Marcelo Ramos Motta e Euclydes Lacerda de Almeida, por me inspirarem e orientarem mesmo que postumamente;

Aos esotéricos de toda parte, por tentarem;

A todos que foram bons comigo, obviamente por terem sido bons comigo;

À sorte, ou somatório de todas as causas rodopiantes do e no mundo, por eu estar vivo;

A Deus e à Fraternidade Branca, por tentarem;

À Rá-Hoor-Khuit, pela maldade;

À Nuit, que não te considerem como um todo, uma vez que tu és contínua;

Oh, Meu Deus, à Nicole Kidman, pela atuação em *De Olhos Bem Fechados*;

*Tomai vossa sede de amor.*

Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

Novembro de 2014, um ano 7 (2+1+4)



Para Raul Santos Seixas, condutor digno da charrete solitária, emboscável da  
Sociedade Alternativa, naquela época em que todos usavam óculos escuros e o céu era  
vinho e cinza.

Para meus pais.

-

*Espreitai! Retirai-vos! Sobre eles! Esta é a Lei da Batalha de Conquista.*

*AL III:9*

*Existe sucesso.*

*AL III:69*

*O Homem tem o direito de viver pela sua própria lei, de viver da maneira que ele quer  
viver.*

*LIBER OZ*

*A Sociedade Alternativa sempre esteve dentro de você.*

*Raul Seixas*

## RESUMO

MENDONÇA, Daniel Araújo de. **A divisão Daqui até o Lar**. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Este trabalho se constitui de um roteiro de ficção para Longa-Metragem, intitulado *A divisão Daqui até o Lar* que narra tanto as atividades do personagem Murilo como líder de uma sociedade esotérica no Brasil, a partir dos anos 60, como a expansão de sua neurose afetiva. Uma frustração amorosa lhe inflige sofrimento psicológico grave e acaba por fazê-lo perder a concentração durante um ritual, o que o faz incendiar a própria casa acidentalmente. Este evento marca um episódio místico no qual Murilo é transportado para novas realidades. Também cabe a este trabalho apresentar um relatório de processo de feitura do roteiro, contendo suas motivações e inspirações, suas questões filosóficas e estéticas, suas defesas estética e de relevância social.

ROTEIRO - LONGA METRAGEM - ESOTERISMO

## ABSTRACT

MENDONÇA, Daniel Araújo de. **A divisão Daqui Até o Lar**. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This work constitutes a script of fiction for Feature Film entitled The division Hither to Home and it narrates both the activities of the character Murilo as leader of an esoteric society in Brazil, from the 60s, such as the expansion of his affective neurosis. A loving frustration inflicts serious psychological distress to him and ultimately makes him lose concentration during a ritual, what makes him accidentally burn his own house. This event marks a mystical episode in which Murilo is transported to new realities. Also concerns to this job report the process of making the script, containing its motivations and inspirations, its philosophical and aesthetic issues, its aesthetic and social relevance defenses.

SCRIPT - FEATURE FILM - ESOTERISM

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2. OBSERVAÇÃO INTRODUTÓRIA .....</b>	<b>16</b>
<b>3. SINOPSE E NARRATIVA .....</b>	<b>18</b>
<b>4. COMO SURTIU .....</b>	<b>21</b>
<b>5. ARGUMENTO .....</b>	<b>22</b>
<b>6. CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS .....</b>	<b>25</b>
<b>7. QUESTÕES DO FILME .....</b>	<b>28</b>
7.1. AMOR, DESESPERO, ONTOLOGIA E A A.A. ....	28
7.2. FICCIONALIZANDO O REAL: <i>I'M NOT THERE</i> .....	30
7.3. DIDATISMO E FABULISMO: MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA NA UFRJ .....	34
7.4. O ICÔNICO .....	35
7.5. FORMA .....	36
<b>8. QUESTÕES DO LIVRO DA LEI E ESPIRITUAIS .....</b>	<b>36</b>
8.1. UMA VISÃO SINGULAR DE ETERNO RETORNO, ALGUMAS OPINIÕES DE CROWLEY E CONCEITOS ESPIRITUALISTAS .....	38
8.2. HINO À PÃ .....	40
8.3. A TRADUÇÃO DE “FAZE O QUE TU QUERES” .....	41
8.4. LIBER OZ .....	42
8.5. SOBRE OS LIMITES DA PESQUISA E DO FILME .....	42
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>

APÊNDICES – 1 HINO À PÃ .....	47
- 2 LIBER OZ .....	52
- 3 A DIVISÃO DAQUI ATÉ O LAR - ROTEIRO DE LONGAMETRAGEM .....	53

## 1. INTRODUÇÃO

Uma sociedade onde o espaço artístico dialogasse melhor com o espaço institucional, onde passado, presente e futuro da arte fossem mais interpenetrados, ao mesmo tempo que cada ramo da arte fosse mais fortalecido. Refiro-me a curtos períodos de tempo histórico. Pequenas gerações de artistas, a cada cinco, seis anos, saindo de seus centros, sejam universidades ou não, deixando um legado para os próximos jovens artistas. E indo lutar seu espaço na sociedade, inevitavelmente. Não é possível negar que em parte a concepção *o mundo é dos fortes*, faz parte da vida. Mas há ressalvas para que esta concepção não seja árida e sufocante.

O que vivemos hoje é uma lógica onde só alguns têm espaço na estrutura de apresentação da arte, e os outros esperam o seu momento na estrutura já vigente para se apresentar, ou criam espaços e produtos periféricos em relação ao “centro” institucional-profissional-discursivo-artístico. A internet revolucionou os espaços, mas não totalmente porque é duro reconhecer, mas é preciso: nós precisamos de hierarquias simbólicas. Mas às quais possamos recorrer.

Nesse **fato**, que para mim é um fato, se ampara toda uma filosofia, que pode ter lado bom e lado ruim. O lado ruim é que certas pessoas não trabalham, não divulgam, centralizam os espaços e os status. Há uma **peneira** baseada no desperdício que faz com que as pessoas rodem anos e anos antes de poderem “chegar lá”, vide, por exemplo, as dificuldades de financiamento para Longa-Metragem. Mas filosoficamente, antes, a discussão é: o que é “chegar lá?”.

*Pensando: Quais são os palcos da vida? Cada época tem seu palco, cada época pede uma forma de se apresentar... por quê estar no palco? O que é estar no palco? Por que estar no palco? Pela fama? Existe um palco principal? Para quem cada um se apresenta? Estar nos grandes meios de comunicação, nos grandes cinemas, circos e teatros é desempenhar o papel no maior palco da vida para o artista? Quem deve nos ver? Todo mundo correndo na mesma escadaria, na mesma direção, em busca dos mesmos espaços, pelo mesmo público... Mas essa é a questão do artista marginal: ele pensa: eu faço meu palco, o palco está na cabeça das pessoas. QUESTÕES.*

*As vezes, coisas novas se apresentam no ‘palco’ e revolucionam o mundo. Elas podem parecer horríveis por revelar o que estava escondido.*

Assim era Raul Seixas, o dito “alternativo”, numa época de grande contestação generalizada. Raul não era marginal, queria o sucesso acima de tudo. Mas todas as suas falas eram em defesa daquilo que é diferente. O que significa um alternativo subindo ao palco principal?

Raul Seixas também dizia: *não tem meio termo, ou sim, ou não, sucesso é tua prova*. Percebeu a dureza da vida. Mas, como o próprio Raul dizia, em *Por quem os Sinos Dobram* “coragem, eu sei que você pode mais”. Nós podemos mais pelas instituições. É necessário que nos dediquemos a ampliar as instituições artísticas e mudar sua concepção. Não podemos depender só da institucionalização como forma de sustentação das ações. Tenho confiança de que muito foi feito, mas não se tocou tanto na concepção do que é agir, que ficou muito restrita à sustentação pela institucionalização. E isso não pode ser tudo. Que fique claro eu amo a instituição.

O que você está prestes a ler é um roteiro para Longa-Metragem mais um relatório sobre o processo de fazê-lo e sobre suas questões estéticas e filosóficas. Esta é uma das minhas contribuições para firmar o pacto de uma **faculdade produtora**. Seria um absurdo me formar na faculdade de Radialismo da ECO-UFRJ sem realizar um trabalho prático e engrossar a consciência de cada um sobre a importância desta faculdade ser eminentemente uma faculdade artística, produtora, com produção autogestionária e zeladora por seu patrimônio artístico. Assim como os diálogos entre as faculdades e entre as faculdades e outros produtores audiovisuais precisa aumentar. Agora eu to saindo, e vou ter que me jogar na selva entre os artistas e a sociedade, não tem mais mãe-ECO, que eu batalhei para que ser um espaço artístico mais abrangente.

Algumas outras ações para isso estão sendo encaminhadas, mas isso é conversa para outra hora, até PORQUE eles acham que a gente tá louco: havia uma sombra em nosso olhar e ela continua lá.

D.A.M.

Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

Novembro de 2014



## 2. OBSERVAÇÃO INTRODUTÓRIA

Antes de apresentar o filme e sua história, origem, motivação, elementos e dispositivos propriamente ditos, é necessário referenciar sumariamente três linhas de pensamento da humanidade que são a base da *textualidade* do filme (as ideias e pensamentos do filme expressos nas falas), além do próprio lirismo do autor. Este é o roteiro de um filme de temática existencialista, pois traz à tona discussões como: o motivo de haver existência, de haver universo, o porque de haver *mundo manifesto*, e não apenas o Nada; tudo isso a partir, de três pensamentos: a filosofia da Cabala; a discussão de uma específica e original, pois é minha, visão do conceito de eterno retorno; e a filosofia de Thelema, ou thelêmica, instituída e individualmente interpretável através de *Liber al Vel Legis*, o Livro da Lei, proclamado em 1904 por Sir Aleister Crowley. Eu me permitirei não debater ou apresentar profundamente estas ideias aqui, pois creio que esta não seja a intenção deste relatório. Mas segue uma pequena, muito pequena mesmo referência a essas linhas de pensamento, sugerindo leituras a quem interessar possa.

A Cabala é um sistema muito antigo, sendo reconhecido como judaico. Constitui-se de um sistema simbólico que tenta representar a constituição do universo a partir de símbolos contidos no diagrama conhecido como Árvore da Vida. Assemelha-se muito às ideias pitagóricas, sendo elas: cada número é uma parte da alma do homem, assim como do Universo; Deus é o Grande Aritmético e Geométrico; os seres podem aprender a usar estes números que são potências da natureza. Recomendo o *Poder da Kaballah, Cabala Mística* e *O Livro de Thoth*, para maior implicação.

O eterno retorno aqui deve ser dissociado, pelo menos intencionalmente, de qualquer uso desse conceito por qualquer filósofo ou pensador, pois o uso livremente e o recrio. Para mim, é como a reencarnação, onde a individualidade da mente/alma/essência descrita pelos astros está garantida, mas não necessariamente no mesmo universo, de forma que o homem vai tentando obter o aperfeiçoamento de sua trajetória relacional em universos paralelos e, ao mesmo tempo, vai alcançando/manifestando a magia ou o Ser.

Sobre o Livro da Lei falaremos mais a frente. É preciso, por enquanto, que se saiba que para este livro “a lei é Thelema”, que em grego, significa Vontade. Aqueles que seguem o Livro da Lei são, portanto, thelemitas, e o que concerne ao livro é thelêmico.

Meu filme trata sobre muitas questões místicas e espirituais e, como já diz o ditado, “não se discute sexo, futebol, política e religião”. Mas é o que também estamos fazendo aqui, embora queiramos tangenciar já que não é a intenção principal deste trabalho. Vamos ao que interessa.

### 3. SINOPSE E NARRATIVA

**Sinopse:** Murilo é o líder de uma sociedade esotérica, mas sua vida afetiva não vai bem. O desenvolvimento de sua neurose o leva a colocar fogo na própria casa acidentalmente, sendo transportado a novas realidades.

A história conta as atividades de Murilo, líder de uma sociedade esotérica que é uma ficção entorno de duas ordens/sociedades esotéricas thelêmicas que realmente existiram ou existem (!?) em nosso mundo, as ordens Ordo Templi Orientis (doravante mencionada como O.T.O.) e a Astrum Argentum (doravante mencionada como A.A.). Estas ordens tem funcionamento distinto: enquanto a O.T.O. se mescla com tradições maçônicas e opera em rituais coletivos, a A.A. opera no sistema instrutor-discípulo<sup>1</sup>. Ambas foram fundadas pelo inglês Aleister Crowley na primeira metade do século XX.

A biografia de Crowley é muito notável, e mesmo depois de morto influenciou o rock and roll, os hippies, o uso de drogas, práticas esotéricas por todo o mundo, como o jogo de Tarô, que reinventou, como outros envolvidos no assunto no século XX, como Alejandro Jodorowski. Jimmi Page, por exemplo, comprou uma das casas de Crowley na Inglaterra e os Beatles colocaram sua imagem na capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Também já virou ícone popular, como em um personagem que foi inspirado nele na história em quadrinhos *Liga Extraordinária*, de Alan Moore.

Mas talvez o mais importante entre suas atividades tenha sido criar ordens/sociedades esotéricas baseadas no Livro da Lei, livro que redigiu após a realização de um ritual e que considerou sua obra mais importante.

O Livro da Lei é um livro esotérico escrito por Crowley, após a realização de um ritual em 8, 9 e 10 de abril de 1904. Divide-se em três partes atribuídas às entidades de Ísis, Osíris e Hórus. Um dos seus maiores axiomas é “Não existe outra lei além de Faze o Que Tu Queres”. É reconhecidamente contestado especialmente por conter um axioma de ausência de limite moral<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Não há rituais coletivos. O contato entre membros da Ordem é apenas o contato entre o instrutor com seu discípulo. O instrutor, por sua vez, é discípulo de um instrutor um grau acima, ocorrendo esta hierarquia sucessivamente, até a posição mais alta, responsável, esta sim, por registrar oficialmente o nome de todos os membros da Ordem. Os rituais e treinamentos são realizados individualmente e averiguados pelo instrutor do grau diretamente acima. Evita-se qualquer outro tipo de contato.

<sup>2</sup> Cumprida a promessa de referenciar o Livro da Lei.

Como líder desta sociedade esotérica no Brasil, o protagonista de *A divisão Daqui até o Lar*, Murilo, tem várias atividades **na primeira parte do filme**: recrutar aspirantes à Ordem (*probacionistas*, “aquele que deve provar”), ordenar treinamentos e discutir filosofia e teologia. Apesar de ser uma autoridade espiritual, em sua vida íntima, Murilo aparenta neurose exagerada, muito expressada por sua grandiloquência e tom de pregação na fala, inclusive conversando com a câmera. Não é dito, mas ele sofre de amor e é a partir do seu sofrimento emocional que desenvolve sua neurose entorno deste sofrimento, o que o leva acidentalmente a colocar fogo na sua própria casa durante um ritual. Este incidente marca um *evento místico* em sua vida, quando um garoto, Denis, que ele **não reconhece**, aparece em sua casa em chamas e o leva para outra realidade (**segunda parte**). Murilo viaja no tempo com o garoto, não se sabe se para frente, para trás ou pros lados, e acompanha a desventura amorosa no qual o garoto é amante de uma garota – Lenora-, mas ela não tem coragem de abandonar o namorado - Carlos. Após viver amorosamente com os dois, ela se decide por Carlos. Isso causa enorme sofrimento a Denis, que tem sonhos e visões. Murilo acompanha esta história de longe, aparecendo no final de planos longos e de novo conversando com a câmera. Na **terceira parte** do filme, os mesmos atores da segunda parte encenam novos personagens, parecidos com os da segunda, uma espécie de paródia, em um “mundo mágico medieval”<sup>3</sup>, no qual Denis é amante da Rainha Lenora; e Rei Carlos, juntamente com Rainha Lenora, preparam uma armadilha para Denis, que é morto.

Denis leva Murilo para outro tempo no qual não fica claro qual a relação cronológica com o tempo de Murilo ou mesmo se não são universos paralelos. O garoto é, ou representa, Murilo no passado, mas isto não fica aparente. A questão aqui é que o sofrimento que o garoto vive é a representação do sofrimento de Murilo no passado, mas não é uma representação *ipsis litteris*, é uma representação *substitutiva*, sugestiva, devido ao fato de que queremos dar à memória, no caso de Murilo, um tom grandiloquente e ao mesmo tempo absurdo. Isso transparece no fato de que a narrativa de Denis se passa cronologicamente na frente de Murilo, mas isso não importa, porque a amada de Murilo poderia nem ser Lenora, não sabemos. O importante é que Murilo tem um passado de sofrimento amoroso e a história de Denis também é assim. A narrativa de Denis narra o sofrimento de Murilo, mas é como se escolhêssemos uma história “semelhante” ao passado dele. Na verdade o termo semelhança

---

<sup>3</sup> Uso as aspas porque não cheguei a formular um nome para este mundo, tentando chegar o mais próximo possível de suas características que, assim como a Terra Média, é um mundo de fantasia, e uma realidade paralela à da narrativa.

não é adequado, é como se a semelhança ou a identificação entre a história de Denis e o passado de Murilo fosse uma incógnita, talvez alguns fatos, talvez muitos, talvez nenhum, apenas o conflito é parecido. Por isso não há uma identificação clara de que Murilo é Denis. Eu estou dizendo como criador que são a mesma pessoa, mas não se pretende que isto fique claro, apenas sugerido. Um dos motivos é porque assim três perspectivas realmente aparecem e se diferenciam, inclusive fotograficamente, no filme, a de Murilo, a de Denis e a de Denis no “mundo medieval mágico” (a perspectiva emocional de Murilo, seja quando jovem ou na sua memória fragilizada quando mais velho). Outro motivo é porque as histórias se concretizam como alegorias umas nas outras, como representações paralelas, embora na cronologia da narrativa tenham ligação. Assim eu pretendo criar tempos narrativos *equivalentes*, ideia muito importante artisticamente.

Paralelamente a este eixo principal, vemos as atividades de outros thelemitas, como Raul, inspirado em Raul Seixas. Ele faz discursos em shows e rádios divulgando a doutrina do Livro da Lei.

Também vemos um narrador, Dinho, que faz discursos sobre a forma e a constituição metafísica do universo. Este personagem é importante porque ele pretende ressaltar a importância do amor como uma cosmologia de vida, como uma experiência que cria o Ser.

Por último, também acompanhamos as representações dos Deuses Kronos (ou Saturno) e Rá-Hoor-Khuit (Hórus na sua forma Falcão) que aparecem como ícones alegóricos em momentos da narrativa.

#### 4. COMO SURTIU

Este filme surgiu em primeiro lugar do desejo de fazer um filme como *I'm Not There*, de Todd Haynes. Um parte deste relatório é dedicada a isso na seção 6. E em segundo lugar, a partir de pesquisas que vinha fazendo desde 2013 entorno do Livro da Lei e suas sociedades esotéricas, especialmente as atuantes no Brasil. O site *ordaaa.com.br* foi a base fundamental para tudo. Lá se encontram textos de membros falecidos das ordens A.A e O.T.O., como Aleister Crowley, Marcelo Ramos Motta e Euclides Lacerda de Almeida. Marcelo é o fundador da A.A. no Brasil, a partir de uma iniciação que teve na Inglaterra, e Euclides é seu discípulo mais famoso, tendo vivido até 2010. Ambos foram mentores de Raul Seixas e Paulo Coelho. Marcelo é a figura que inspira o protagonista deste roteiro, Murilo.

Também foi fundamental minha idolatria jovem por Raul Seixas, que me fez entrar em contato com a doutrina de Thelema, porque afinal ele é o grande expoente público que divulgou esta doutrina. Quem não se lembra de Raul gritando entre os versos de Sociedade Alternativa: “viva o número um!”, “o número seiscentos e sessenta e seis chama-se Aleister Crowley” ou “A lei do forte, essa é a nossa lei e alegria do mundo”. Foram todas tentativas de Raul colocar questões da mensagem thelêmica em suas músicas. Eu quando pequeno achava que ele queria ofender alguém com “número seiscentos e sessenta e seis”, algum inimigo seu, um produtor musical, talvez...

Por causa dessa idolatria, passei a procurar vídeos e entrevistas de Raul. Os que considerei mais importantes dos que encontrei, os usei em *A divisão Daqui até o Lar*, colocando no personagem Raul falas de Raul Seixas na vida real: Raul Seixas lendo LIBER OZ (a carta dos direitos humanos thelêmica, escrita em 1943), no Hollywood Rock de 1975; Raul sendo entrevistado em Joaçaba, terra de Rogério Sganzerla; e Raul sendo entrevistado pela TV Gazeta, em sua casa em 1988, um ano antes de sua morte. Escolhi esses porque foram momentos que claramente Raul estava influenciado pelos ensinamentos thelêmicos e os estava pronunciando em público. Usei estes documentos que são o registro do real, o que significa dizer que **ficcionalizei documentos** do nosso mundo, além de ficcionalizar a biografia de muitas pessoas. Esta simulação do registro histórico foi feita de uma forma singular, muito influenciada por *I'm Not There* de Todd Haynes, 2007. Muito logo farei a defesa deste dispositivo mais a frente.

## 5. ARGUMENTO

Desejo fazer um filme para discutir ontologia. É um filme existencialista baseado em uma singular visão, já que é minha, do conceito de eterno retorno assim como na filosofia de Thelema, ou thelêmica, instituída e individualmente interpretável através de *Liber al Vel Legis*, o Livro da Lei, proclamado em 1904 por Sir Aleister Crowley.

A biografia de Crowley é muito notável, e mesmo depois de morto influenciou o rock and roll, os hippies, o uso de drogas, práticas esotéricas por todo o mundo. Jimmi Page, por exemplo, comprou uma de suas casas e os Beatles colocaram sua imagem na capa de Sgt. Peppers. Mas talvez o mais importante entre suas atividades tenha sido criar ordens/sociedades esotéricas baseadas no Livro da Lei<sup>4</sup>.

Mas antes de Thelema, me ocorrera fazer um filme como *I'm Not There*, uma ficcionalização de Bob Dylan, que, do meu ponto de vista, busca retratar a formação do ícone popular “Dylan”, o **mito** na cultura de massa. O filme usa as músicas e letras do cantor, mas em nenhum momento usa seu nome.

Perguntei-me quem seria o Bob Dylan brasileiro. Primeiro pensei em Caetano, mas depois me resolvi por Raul Seixas. Caetano é um virtuose, é brilhante, um papa da música e da cultura popular brasileira. É um homem, não uma lenda. Raul, sim, é uma **lenda**. *A tropicália está para a religião, assim como o Raul Seixismo está para a mitologia*. Caetano criou um sentido (brasileiro) *viva bossa, viva palhoça*; esclareceu, revelou. Raul destruiu sentidos *pois é tudo da lei; o início, o fim e o meio*; ocultou. Meteórico e impactante sucesso, depois ondulações no esquecimento, para nos últimos anos ser colocado em pauta de novo.

Raul Seixas fez parte da sociedade secreta de Thelema no Brasil e foi um dos maiores expoentes de propagação popular da filosofia thelêmica, sendo reconhecido hoje em dia por isso mundialmente, como no caso em que Bruce Springsteen cantou em seu show de 2013 no Brasil *Sociedade Alternativa*. Poderia chutar que de cada 3 ou 4 músicas de Raul, uma é de cunho thelêmico (existe uma variante interpretativa também).

Ficcionalizar Raul é, portanto, ficcionalizar o Livro da Lei e o grupo thelêmico no Brasil, especialmente nos anos 70. Grupo pequeno, mas contundente, contando com Raul que elaborou canções como *Sociedade Alternativa*, *Eu Sou Egoísta*, *Novo Aeon*, *Canto para*

---

<sup>4</sup> Repito este parágrafo porque o argumento muitas vezes é lido separadamente.

*Minha Morte, How Could I Know, A Maçã, Tente Outra Vez e Al Capone*, que têm cunho thelêmico; Paulo Coelho, que abandonou a ordem em 75; Euclydes Lacerda de Almeida, que coordenou a ordem até 2010; e chegamos à figura de Marcelo Ramos Motta, que foi assistente de direção de José Mojica Marins, parceiro de Raul Seixas em algumas letras e fundador de Thelema no Brasil e que é pai simbólico do protagonista deste roteiro, Murilo.

O que mais me interessa cinematograficamente em Marcelo e seus seguidores, com Raul como expoente público, é a ideia de “*temos uma missão civilizadora, quase sagrada a cumprir de levar a mensagem thelêmica ao público*”. Algo do *catequizar*, muito interessante. Essa é a primeira parte do filme. O grupo de thelemitas se organizando e procurando espalhar a mensagem pelo Brasil.

Depois, vamos vendo Murilo na sua casa, em seu autodidatismo mental, se tornar cada vez mais neurótico, avaliando sua vida, de forma praticamente delirante, querendo voltar no tempo, até que ele encontra com um fantasma de um garoto que lhe explica como aconteceu com ele, fantasma, que seu amor lhe deixou.

Um terceiro momento do filme acontece e muda radicalmente a fotografia e talvez o ritmo das ações. Passa em um mundo para lá de fantástico e medieval, onde um rei está desconfiando que sua Rainha está apaixonada por um dos seus amantes. Acaba descobrindo o amante, e a Rainha sofrendo pressão do Rei acaba por arquitetar um plano no qual o amante é assassinado. Isto acaba por se constituir como um evento de magia e tem uma significação própria.

Um prolongado epílogo mostra o destino de cada um dos esoteristas e o filme termina mostrando Raul chegando a *catedral sem símbolos*, pois é a figura que representa ter alcançado o sagrado na vida.

O filme planeja discutir o sagrado e o conceito de eterno retorno. Algo como: a mesma vida com causações diferentes, ou outra vida com as mesmas causações. Uma variante da reencarnação porque você não reencarna no mesmo universo. O universo inteiro se recria para que você reencarne. Queremos defender que cada homem é um processo único, uma instância, irrepetível, pois em outro mundo a espécie talvez nem seja a humana para aquele espírito, mesmo que as questões de destino sejam as mesmas. O homem é um verso dentro da poesia geral. Um único verso. Uma versão do verso em homenagem ao universo, que por sua vez é uma versão do espaço-tempo.



Trazemos a tona discussões metafísicas, cosmológicas e físicas, como a teoria do multiverso e que tipo de percorrimto pode o Ser ter nos múltiplos universos, ou a reencarnação.

Também valorizamos a discussão da formação das sociedades alternativas.

Mas primordialmente valorizamos o amor, dando a ele uma significação profunda e constitutiva do Ser e do destino, da trajetória, palavra muito importante nesta cosmologia. O amor como uma cosmologia de vida ou do destino. O ser que se perde, que encontra suas causas e suas dores.

A questão entra então na trajetória, na sorte, na predestinação e nas escolhas. Seria possível ordenar o universo? Para que haja somente movimentos harmônicos? O meu braço e o caminhão. Todos em harmonia com o inconsciente, ou melhor, o Ser Universal. Um universo onde haja toda a realização. A realização inteira. Tudo que vêm do vazio manifestado ao auge, tudo correto, todo movimento correto, toda intenção correta. A ausência de desespero.

O eterno retorno de várias reencarnações diante do monstro do destino que nos leva a algo que não gostaríamos de ser... se teríamos de tentar de novo, e o tempo não volta para trás, nos resta nesta vida a valoração positiva do que se viveu nesta vida, do que se têm, de onde se chegou, da afirmação da vida, amor fatti (amor à fatalidade).

Por fim, desejamos defender a perspectiva que percebe a ternura, como o sentimento referente àquilo que poderia ter sido, mas não pela lamentação, mas, pelo contrário, para estimular a ação a partir do eterno-constante tempo presente.

## 6. CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS

**MURILO** Murilo é o protagonista do filme e tem Sol em Câncer. Nos anos setenta tem 45 anos e dez anos depois morre. É professor de um curso de inglês e foi introduzido na ordem esotérica Estrela Prateada (A.A.) na Inglaterra no final dos anos 1950. É o líder e mentor da ordem no Brasil. Perde os direitos autorais das obras de Crowley para a Justiça americana em uma batalha jurídica que começa 1964 e dura 15 anos. Gosta de ensinar seja inglês ou conhecimentos esotéricos segurando uma grande régua de madeira e adora vinho. Sofre de amor neurotizado. Vai se tornando irascível. Funda novas organizações thelêmicas mal-orientadas. Morre em 1985.

**EDUARDO** Tem 38 anos no ano 1975 e tem Sol em Gêmeos. É o primeiro discípulo de Murilo. Admira-o por seu tom professoral e seu profundo conhecimento das obras de Aleister Crowley. Acabam brigando e ficam sem se ver por dez anos. Não sabe inglês. É casado e amigo de Raul. Trabalha como técnico em uma fábrica. Morre em 2010.

**RAUL** Músico muito famoso e tem Sol em Câncer. Tem 31 anos em 1975. Fuma todo dia, adora óculos escuros e coletes pretos. Tem uma moto. Foi expulso do país por desejar formar uma comunidade alternativa no interior do Estado do Rio de Janeiro. Aprendeu com Murilo muito sobre Thelema e isso acaba por determinar seu destino e forma de lidar com as coisas. Morre em 1989.

**PAULO** Letrista e escritor, tem Sol Virgem. Abandonou a A.A. em 1975 após “ser visitado pelo demônio”. É procurado pela polícia por suas atividades estudantis. Inicia-se em outra corrente esotérica, cristã.

**FINÓRIO** Pintor e tem Sol em Aries. Em 1975 tem 37 anos. Vive de criação publicitária.

**DENIS** Em 2013, tem 21 anos e tem Sol em Gêmeos. Estuda cinema na UFRJ e viveu a vida inteira na zona sul do Rio de Janeiro. É exibido e vaidoso. Está fazendo sua segunda curta-metragem. Tem aprendizado lento, mas profundo. Já teve muitos amigos, mas brigou com todos. É sustentado pelos pais. Está apaixonado e obcecado por Lenora em 2013. Sente que se essa paixão não se realizar o universo estará fora dos eixos. Sente que se isso acontecer ele não é mais ele, mas apenas uma fantasmagoria. Já usou todas as drogas possíveis e parou quando conheceu Lenora. Era viciado em fumar cigarro, mas parou quando a conheceu. É

questionado por ela por que a ama. Visita Murilo em uma viagem no tempo, pois se identifica com o seu sofrimento. É uma versão da memória de Murilo no passado, mas projetada vivendo cronologicamente em outro tempo (2013).

DENIS versão onírica de Denis.

LENORA tem 25 anos e é vocalista da Banda Misto Quente e tem Sol em Peixes. Estuda cinema na PUC-Rio. Namorou seis anos o guitarrista da banda Carlos, e o traiu algumas vezes sem ele saber. Estão com o namoro terminado há um ano, mas continuam fazendo sexo. Viu seu amigo Francis se suicidar e emagreceu dez quilos nessa época. É muito criativa, mas não tem estudo superior muito profundo.

CARLOS tem 24 anos e é guitarrista e compositor da banda e tem Sol em Câncer. Descobre que Lenora está saindo com Denis e começa a sair com outra garota sem que ela saiba. Estuda Música na UNIRIO.

RAINHA LENORA é a versão onírica de Lenora.

REI CARLOS é a versão onírica de Carlos.

JOANA tem 23 anos, é amiga de Lenora e tem Sol em Aquário. Estuda cinema na PUC-Rio.

JOJO versão onírica de Joana.

TIAGO conhecido de Denis. 24 anos. Tem Sol em Sagitário.

DINHO narrador inspirado em narradora personagem de David Lynch no seriado *Twin Peaks* e tem Sol em Touro. Veste-se ou com um terno preto com botões prateados e uma blusa branca social por baixo, ou despojadamente uma calça jeans, blusa t-shirt branca e um lenço vermelho no pescoço. É uma espécie de entidade pairando sobre a narrativa, inacessível, intangível, emitindo verdades absolutas.

KRONOS Ninguém sabe a hora e a data exatas em que nasceu por isso não sabemos seu Sol. É o Deus que representa o destino e os anos de vida. Tentei abordá-lo como o eu profundo de cada um que fica insatisfeito ou satisfeito com o destino, permitindo que viva ou obrigando a reencarnar. Tomei o mito de Kronos, de comer seus filhos, como o processo pelo qual uma pulsão de morte, do inconsciente levaria, após lutas com a pulsão de vida durante toda uma vida, à morte.

RÁ-HOOR-KHUIT é a versão de Hórus em sua forma Falcão e é o seu próprio Sol e o Sol de todos os outros personagens. É um Deus egípcio esquecido que Crowley retomou, por isso sua versão mais conhecida é a de Crowley. Segundo a doutrina thelêmica é o Deus correto a ser seguido, desde que o Livro da Lei foi promulgado em 1904, sendo o regente do mundo manifesto.

## 7. QUESTÕES DO FILME

### 7.1 Amor, desespero, Ontologia e a A.A.

As minhas questões principais são o desespero e o amor. O desespero tentei retratar na oposição entre a liderança de Murilo para seus seguidores e o desenvolvimento de sua neurose, deixando-o cada vez mais solitário e em sofrimento até o ponto que coloca fogo em sua casa, de forma que só mais a frente descobrimos que essa neurose está ligada ao seu passado. Resolvi colocar o desespero no ambiente das sociedades secretas, como uma forma de opor sofrimento interno com autoridade externa.

A voz de Murilo é um elemento fundamental do filme, pois aparece em diferentes formas, no gravador para Eduardo, ao vivo, declamando um poema, falando sozinho, falando com a câmera, e finalmente em off; e em diferentes situações. Isso contribui para o desenvolvimento do caráter eloquente do personagem, lhe conferindo uma aura de pregação e outra aura de dramaturgia, o que faz o filme extravasar, assim como contribui para a percepção do desespero-neurose do personagem, que é a questão principal do filme.

Já para o amor, a ideia principal era associar o terror, o medo, a neurose assim como o imaginário esotérico ao amor, através do paralelismo entre as duas histórias a de Murilo e a de Denis. Uma delas ligada aos imaginários do terror e do esotérico e a outra à paixão mais crédula. Carl Gustav Jung escreveu *O Livro Vermelho*, um livro que Jung pediu que não fosse colocado entre suas *Obras Completas* na Alemanha, porque considerava estético e não erudito e que ficou “como que” proibido pela sociedade de herdeiros jungiana durante anos e foi publicado apenas em 2009 e no Brasil em 2013. Foi um experimento que Jung fez consigo mesmo durante 16 anos e que se constituiu como base para muitos outros trabalhos, segundo o próprio autor. É, assim como o Livro da Lei, obra polêmica. Nele Jung diz: “Jesus ensinou que Deus amor, mas deveis saber também que o amor é terrível”<sup>5</sup>. Para mim, há muita semelhança entre o Livro Vermelho e o Livro da Lei, como nessa formulação em que Deus é terrível, e para Crowley o Deus é o Deus da Guerra (Rá-Hoor-Khuit, Hórus, regente do mundo manifesto, na sua forma Real de Falcão). Como já foi dito, o amor também foi colocado como uma forma de cosmologia do Ser, pois fica claro que Murilo sofre de amor mesmo anos depois de sua experiência quando jovem e isso fica dentro dele como pulsão de morte até que depois de 55 anos “vence” e o mata.

---

<sup>5</sup> *O Livro Vermelho*, pg. 126, 2013

Na relação dos jovens, é importante perceber que para Denis aquela relação amorosa é decisiva, enquanto para Lenora é apenas uma experimentação. Para Denis, é isso que o filme tenta afirmar, aquela relação extrapola os dois e simboliza o processo interno da Constituição do Ser de Denis, que depende da afirmação de Lenora para poder vencer a morte dentro de si. É uma dependência, é uma prova. Nesse sentido a frase “sucesso é tua prova” dita por pelo personagem Raul duas vezes no filme adquire um sentido próprio. Na verdade, Raul Seixas disse essa frase em vida, desvirtuando seu sentido e eu adotei esta desvirtuação.

Esta frase originalmente faz parte do Livro da Lei e é dita pelo Deus Hórus. Ela está no contexto em que o Deus garante ser a Verdadeira força a ser seguida. Ele diz: “Eu sou Ra-Hoor-Khuit; e eu sou poderoso para proteger o meu servo. Sucesso é tua prova; não discutas; não convertas; não fales demais!” e “Esta será vossa única prova. Eu proíbo argumento. Conquistai! Isso basta”. Neste sentido prova tem o significado de *comprovação*. O servo terá *sucesso* e isso é a comprovação que basta para crer no Deus.

Mas no filme prova assume o sentido de *teste*, justamente porque é a Constituição do Ser de Denis que corre perigo. Essa ideia já está um pouco colocada no Livro da Lei, mas não tão claramente.

Aqui é importante afirmar que sucesso não deve ser entendido como *fama*, mas sim, *realização*.

O filme também pretende discutir ontologia, espiritualidade e metafísica como já foi dito. Como estava muito familiarizado com a doutrina thelêmica devido às minhas pesquisas, eu usei conceitos da doutrina como Corpo Astral e Juramento do Abismo, a partir do meu entendimento é claro. Falo destes conceitos na parte 7 do relatório.

Observa-se que há uma quebra temporal uma vez que Denis, sendo Murilo jovem, não conhece Raul, então não faz sentido Raul aparecer no céu para Denis na cena 96. Mas isso se justifica porque tanto a segunda como a terceira narrativa na verdade são memórias de Murilo e, portanto, editáveis de todas as formas. Murilo, mentor de Raul, reconhece nele um homem que soube encontrar o divino na terra e isto está gravado em sua memória.

Raul aparecendo no céu faz dele uma espécie de Guia, o que se confirma pela última cena quando Raul entra numa catedral sem símbolos, a catedral thelêmica do “faze o que tu queres”, pois a vida mundana que é divina, e esta divindade na terra é representada por Raul,

sua forma de viver e seus discursos para a imprensa. Raul representa aquele que acessou o sagrado no mundo manifesto.

O filme também pretende levantar a história da A.A. no Brasil, assumindo uma função publicitária, em certa medida. Mas não se pretende que isso seja o discurso a ser divulgado publicamente, isto é, no lançamento do filme. Quem souber, saberá, mas não se verá em nenhuma análise sobre o filme esta associação, que, fora a defesa do projeto para a banca, não será publicitada. A questão prática que fica é: eu poderia juridicamente filmar a história de um grupamento do qual seus membros morreram todos e, mais ainda, se dividiram antes de morrer? Euclides tinha uma organização registrada em algum órgão oficial responsável por isso, mas Marcelo tinha mais de uma. Quem seria a autoridade thelêmica hoje em dia? Quem responderia por esta história? Os familiares provavelmente estariam envolvidos uma vez que possam ser responsáveis pelo uso das imagens, ainda mais se eu viesse a usar imagens de arquivos, questão que abordo mais a frente. Mas eu não pretendo deixar claro que os personagens são inspirados nas pessoas reais também para não criar problemas. O outro motivo explico a seguir. O site *ordaaa.com.br* continha um espaço para contato, mas retirou isso do ar desde o fim de 2013, portanto a A.A. está muito difícil de ser achada hoje em dia. Está realmente secreta.

## 7.2. Ficcionalizando o real: *Im Not There* <sup>6</sup>

O filme que deu base para “*A divisão Daqui até o Lar*” foi *I’m Not There* de Todd Haynes, de 2007, uma inspiração em Bob Dylan, em vários sentidos e que fala de mais de uma temática. Um filme múltiplo, experimental, de montagem entrecortada, onde seis atores fazem Bob Dylan, mostrando facetas diferentes do músico.

Nesse filme a narrativa, os diálogos, personagens, cenas e o visual foram extremamente influenciados por detalhes das músicas, das letras e da vida pessoal de Dylan. Tentei fazer isso no meu filme, mas com a história da sociedade secreta de Thelema no Brasil, usando de recursos parecidos como *a narrativa entrecortada, o uso da vida pessoal, citações e aparições dos “biografados” e a reconstrução na ficção de takes famosos em que essas pessoas apareceram no nosso mundo.*

Para isso, eu estudei Thelema, sua doutrina espiritual e mágica e seus principais membros mais famosos: Raul Seixas, Paulo Coelho, Marcelo Ramos Motta e Euclides

---

<sup>6</sup> Cumprida a promessa de falar sobre o filme.

Lacerda de Almeida, além, claro, do próprio Aleister Crowley. Assim como em *I'm Not There* existem referências bibliográficas diretas, em meu filme existem referências bibliográficas diretas como certas falas e acontecimentos.

O filme de Haynes parodia cenas de um documentário já existente da turnê de Dylan na Inglaterra, chamado *Don't Look Back*, de Don Alan Pennebaker e de um documentário de Martin Scorsese, *No Direction Home*; ele refaz ângulos de câmera, discursos das pessoas, situações destes documentários, mais uma vez ressaltando o valor de ficcionalização do real (nesse caso, do registro do real), como as cenas de Dylan em entrevista coletiva na Inglaterra, a cena em que a câmera entra no palco, no início do filme, a cena em que a mulher que é a ficcionalização de Joan Baez diz que Jack Rollins (a ficcionalização de Dylan) “era capaz de escrever o que estava acontecendo”. Essas coisas realmente foram vividas e ditas no nosso mundo e estão nos documentários. Em *I'm not There*, foram simuladas, copiadas. Essas são a reconstrução milimétrica do documentário pela ficção, pois estas cenas realmente aconteceram no nosso mundo. É algo muito parecido com o que faço no meu filme, que tem cópias de falas, ângulos de câmera e situações dos membros thelêmicos que realmente aconteceram no nosso mundo.

Entretanto, as questões que me inspiraram, a partir de *I'm Not There* eram: Quais são os objetivos de interpretar os acontecimentos do mundo? Quantas formas existem de interpretação? Como colocar em evidência uma narrativa sobre outra, como revelar, mostrando relevância?

Com a sua característica básica de se colocar tardiamente, o cinema analisa, propõe, regurgita os acontecimentos históricos de uma forma que pode pensar sem o imediatismo do presente. Anos, décadas, se passam entre fato e representação. Novas interpretações se colocam. No caso de *I'm Not There*, são mais de quarenta anos. Coloco isso, mas o que mais me interessou não é exatamente a diferença entre fato e interpretação, mas foi outra característica desse filme: a ficcionalização do real, no sentido mais profundo, de afastamento do real, sem a intenção de ser documentário, pois em nenhum momento o filme sugere que estamos vendo fatos da nossa realidade ou da realidade de alguém que existe em nosso mundo. Inclusive, alguém que não conheça Bob Dylan veria o filme como a história de um cantor folk, popular, que teve a importância em um cenário X. A questão é a capacidade de retirar *totalmente* os valores *documentarial* e *de registro do real do filme*; retirar o *compromisso* em ser o registro do real; e retirar *parcialmente* a associação entre objeto



fílmico e eventos da história humana. Inevitavelmente, o filme mantém a pretensão, mesmo sem querer, de ser o registro da história, mas desloca essa pretensão para segundo plano, tornando os eventos históricos a base para outra coisa. Em certo sentido, retira-se também o valor de interpretação histórica, já que a credibilidade diminui, mas apenas parcialmente porque história e ficção sempre se misturam. *I'm Not There* não pode ser considerado um filme de ficção científica, por exemplo. Então tem um valor histórico, pois oferece uma interpretação, mas não é um documentário. Claro que não estamos considerando aqui que “qualquer coisa é histórica”, porque, em nível mais profundo, obviamente, qualquer produto reflete alguma coisa da sua época, ou da época que retrata, mesmo sendo um produto de fantasia, por exemplo.

Levam-se os fatos para a dimensão da ficção, mas com que intenção? Creio eu que para falar sobre outros assuntos. Vejo aí uma poderosa forma de ver onde a maior parte das interpretações não vê; levantar outras questões nas mesmas histórias, que são parte do nosso mundo. Creio que seja uma arma poderosa para pensarmos a história, dar foco às *microhistórias*, fazer o registro de subjetividades de certas épocas, de formas mais diversificadas, entendendo subjetividade como o conjunto de paradigmas e símbolos da época. Com esse deslocamento para a ficção, também *pensar temas universais* escondidos em eventos históricos. Essas duas são as minhas pretensões no filme que aqui apresento, *A divisão Daqui até o Lar*.

Estou usando esse termo ficcionalização do real, que foge ao documentário, porque o filme vai realmente nos fatos, parodiando eles, mas, através de um trabalho estético, consegue trazer para o primeiro plano, como intenção mais profunda do filme, uma ou mais de uma questão que se coloca como finalidade do filme. Centenas de filmes fazem ficcionalizações da história, mas muitos resumem sua proposta estética a simular a verdade, representar a história, simular a documentação, valorizar a história ou uma dada identidade. Podemos citar: Coração Valente, a maioria dos filmes sobre figuras públicas importantes. Mas defendo que a diferença em *I'm Not There* é que, embora os fatos estejam lá, o trabalho estético consegue deslocar isso, deixando claro uma outra intenção artística, além de, como falado acima, que nem todo mundo conhece os fatos da vida de Dylan, e o filme não faz questão de assumir essa associação com a nossa história.

No caso de *I'm Not There*, creio que a *questão mais universal* formulada seja a **formação do mito** na cultura de massa durante o século XX, especialmente o mito do líder

capaz de canalizar as questões. Talvez por isso o autor torne como fato principal do filme o recuo de Dylan de sua função política, ocupando a maior parte da sua narrativa na relação de Dylan com a imprensa, outros músicos, as expectativas da sociedade em geral, quando Dylan quebra muitas expectativas, em 1963, quando para de se colocar como cantor de protesto e quando usa guitarras.

Outra questão é que, assim como Haynes, eu também fiz um filme com montagem de entrecortes, situações que param e recomeçam e, principalmente, no meu caso, situações que não se resolvem, partes “soltas”, como a aparição do Deus Kronos e as aparições do narrador Dinho. Além disso, *I'm Not There* também coloca a questão do uso de arquivos, que pensei em adotar no meu filme de acordo com as possibilidades de autorização (ou não) que surgirem.

Uma observação sobre a produção aqui é necessária. Esse deslocamento é uma arma para ser usada com liberdade, mas que implica numa discussão profunda sobre até onde a arte pode ir. O que pode ser retratado? Quem dá a permissão? Quem dá a permissão, tem algum interesse que influencia na produção do filme?

Para encerrar este assunto vale mais uma observação: uma das personalidades propostas é do Dylan cínico (e conjuntamente drogado) que se recusa a assumir o papel público, que lhe é cobrado, dentro dos termos que a época, o contexto, lhe ofereceram. Talvez tenhamos nos acostumados com a posição mais individual, embora crítica. Eu reconheço que Dylan pode ter sido político, sem ser líder de uma causa, encaminhando um movimento. Afinal tudo é político, inclusive o cinismo. Mas a questão não é essa. A questão é se Dylan realmente era cínico ou não. Quando nosso trabalho artístico recai sobre a representação de uma personalidade pública sempre poderemos entrar nesse tipo de embate, que é a diferença entre o que é representado e o que as pessoas pensam que a figura pública realmente foi. Não devemos nos acostumar com a variedade de posições que se vê nas redes sociais.

Apenas em nível de registro, Haynes já havia feito um filme “com inspiração em, mas sem se colocar como biografia”, do grupo americano The Carpenters, chamado “*Superstar: The Karen Carpenter Story*”, no qual os atores são bonecos e bonecas da marca Barbie.

### 7.3. Didatismo e fabulismo: minha trajetória artística na UFRJ

Talvez por ser filho de uma professora e de um psicanalista, uma forma de arte muito importante para mim eram as fábulas, e sempre dei valor às histórias relacionadas ao didático. Fábula originalmente entendido como alegoria animal, psicologias superficiais e lição moral. Didático como *o valor da informação ter sido ensinada*, aí, em dois meios tanto do sistema da arte que se presta a ensinar, quanto aos sistemas da sociedade que se prestam a ensinar. Eu sempre gostei de observar o ensino, o conhecimento e a informação. No meu primeiro filme na habilitação de Radialismo, *“Adeus Guru – E não se esqueça que um dia já precisamos de ti”*, escrito e dirigido com Lucas Bueno, nós acusávamos a falência dos sistemas de gurus, de guias espirituais. Isso visava, portanto, denunciar uma forma social, por essência, didática.

No meu segundo roteiro, escrito unicamente por mim, *“Uma Duna Vez e Ísis”*, nunca filmado, mas registrado na Biblioteca Nacional, eu abordava uma outra temática que sempre foi importante para mim, que é o amor. A história narrava a perspectiva de Lionel, um jovem que se suicidava por ser renegado amorosamente. Mas para nossa análise aqui o que interessa é que o filme passava uma lição moral (“você tem que se ver para ter vaidade e não morrer”) e tinha um caráter alegórico, embora os personagens não fossem animais. Mais uma vez eu mostrava meu interesse pelo didatismo, pelo alegórico, o ensinamento moral, expressava uma certa vontade de ajudar pessoas, talvez pela catarse, ao retratar o sofrimento amoroso, mesmo que representando-o com o pior final possível, o suicídio; ou talvez pelo didatismo da textualidade do filme.

Agora, de novo, para me formar, fui percebendo enquanto escrevia, que desenvolvi um roteiro ligado ao didatismo, embora tenha fugido um pouco (mas não totalmente) do alegórico. *“A divisão Daqui até o Lar”* possui como personagem principal um homem que é visto como autoridade espiritual, que ensina uma doutrina, que organiza um movimento para divulgar essa doutrina; e esse personagem se expressa de uma forma eloquente, professoral e em tom de pregação, fatores na *esfera do didático*.

O drama também se estabelece na ordem do didático, pois o ponto de mudança na narrativa do filme é quando Murilo coloca fogo na própria casa e um garoto aparece para levá-lo para outra realidade, o que sem dúvida deve ser entendido, pelo ponto de vista de Murilo, como uma experiência mística, de expansão de consciência. Só que Murilo só coloca fogo na própria casa porque está sofrendo amorosamente, mas isso só fica claro no fim do

filme; é o sofrimento que faz com que o desenvolvimento da sua neurose estabeleça perguntas como “porque comigo?”, de forma a levá-lo a perder a concentração durante um ritual e acabar incendiando a própria casa. Nesse sentido, é a própria necessidade de perguntar, de encontrar uma explicação (mais uma vez a questão didática da resposta) que o leva a transcender. Está claro que o didatismo é muito importante mais de uma vez neste filme.

O alegórico diminuiu de importância nesta obra, mas não desapareceu, pois a terceira parte do filme foge das duas primeiras onde o realismo impera e a psicologia dos personagens é mais profunda, e mostra a magia transcendendo limites físicos, a alegoria imagética (como o Deus Kronos) e personagens mais icônicos.

Neste filme misturar fábula com realidade é fundamental.

Fiz questão de estabelecer essa cronologia autodenominada artística para mostrar uma questão do meu filme, a temática do didatismo, mas também porque acredito que o relatório do Trabalho de Conclusão de Curso tem também uma função política de estabelecer ideais do que deve ser o curso de Radialismo da Escola de Comunicação; para mim uma faculdade eminentemente produtora, e, se possível, artística. Essa foi uma discussão que, em cinco anos de faculdade, só presenciei em outubro de 2013 e que foi muito heterogênea. Outros alunos e professores tinham outras visões e demandas. Eu defendo a produção, a arte e a autogestão, com menos hierarquia nas aulas e mais orientação, menos método e mais ação. Defendo que seja feito um acervo dos filmes dos alunos e que eles sejam exibidos para as gerações mais novas que poderão entender paradigmas de produção e de desejo artístico, de pessoas que estavam na mesma posição que elas estarão ocupando. A discussão da grade é muito mais complicada, mas com o que está aí é possível que minha proposta seja efetivada.

#### **7.4. O icônico em “A divisão Daqui até o Lar”**

Quando eu iniciei este roteiro e o enviei pela primeira vez para o Maurício, ele respondeu: parece muito com quadrinhos. Eu acho que entendi, o que ele quis dizer. Ele quis atentar para o fator alegórico, icônico, preponderante na terceira parte do filme. O que significa ser icônico? Significa reduzir um pouco o realismo e aumentar a metáfora, ir em direção ao alegórico. Acho que uma frase que pode explicar esse poder do icônico, foi muito bem criada por Jung no *Livro Vermelho*, no qual Jung faz análises ontológicas. Talvez por ser muito recente, ainda não seja muito estudado, mas a frase é: *o superior é poderoso, o inferior*

*é poderoso*<sup>7</sup>. Está aí explicado o poder do ícone em ser tão contundente quanto o real. Porque sendo inferior em retratar algum real, o icônico diz muito sempre sobre algum real. Em contraposição, vale lembrar que a maioria dos filmes de quadrinhos, de super-heróis, procura na narrativa a verossimilhança na representação com o real, uma adaptabilidade com o real, assim como na linguagem cinematográfica, isto é, na representação não se pretende “denunciar que o filme é um filme”, isto é, não há metalinguagem. Quanto à narrativa vem aquela pergunta: “mas que condições físicas permitem que o super-herói tenha esse poder?”. E quanto à linguagem procura-se o mínimo possível quebrar o pacto que diz que a narração não deve transparecer. Na terceira parte do meu filme, essa verossimilhança com o nosso mundo desaparece assim como o realismo, para dar lugar à magia, fantasia e ao icônico. Também quebro o pacto da narração, porque os personagens falam com a câmera muitas vezes desde a primeira parte do filme.

A questão de usar o icônico no mesmo filme que tento realisticamente retratar os trabalhos esotéricos, pode ser interpretada como um questionamento da validade dos trabalhos esotéricos. Na verdade, o icônico é usado preferencialmente para retratar um sofrimento amoroso, a mente em seus arquétipos, e escolhi falar sobre sofrimento amoroso em uma história de um personagem esotérico porque gostaria de associar uma cosmologia ao amor, uma cosmologia de vida. Então é assim: uso uma coisa (icônico) para retratar outra coisa (paixão); uso uma terceira coisa (realismo esotérico) para também falar da segunda coisa (paixão) atribuindo a ela um valor maior, mais significativo. Entretanto, sei que pode ser feita a leitura de que o uso do icônico serve para descreditar o trabalho esotérico, mas tento evitar isso de uma forma em que a discussão cosmológica existencialista fique tão forte que derrube essa interpretação, valorizando o trabalho esotérico ligado a esta discussão, como na cena 11, ou a partir do narrador Dinho, ou apresentando a última cena do filme com um caráter espiritual com um personagem esotérico sendo bem-sucedido ao chegar a uma catedral.

## **7.5. Da forma**

Do ponto de vista da forma, é importante que se perceba que a primeira parte tem duração igual à da segunda mais terceira parte.

---

<sup>7</sup> *O Livro Vermelho*, pg. 340, 2013

A ideia fundamental era aproveitar que a temática ocultista remete à fantasia e ao delírio para, na segunda metade (segunda + terceira partes) do filme, apresentar uma quebra da linearidade com o surgimento de duas novas narrativas e uma associação não-direta entre essas narrativas, de forma que as narrativas estão conectadas de forma mais sutil, um pouco pelo sofrimento de Murilo, que remete ao sofrimento de Denis, muito pela presença parcial de Murilo em alguns planos na metade do filme que narra as aventuras de Denis, um pouco por alguma coisa que o filme queria criar e que não é tangível, que é o clima, dando liberdade para o espectador associar como puder.

Como já foi dito, a escolha do realismo nas primeira e segunda parte se opõe a escolha do icônico na terceira parte. Também fazia parte dessa ideia deixar para a segunda metade do filme, toda uma narrativa não realista, apresentada pela aparição do monstro Kronos, do sonho de Denis e do caráter mágico do “mundo medieval”.

Também busquei trabalhar a escolha de cor na fotografia. Na primeira e na segunda parte, busquei planos em que a fotografia, a luz e a arte, tenham tendência a uma cor só, como na casa de Murilo onde é o branco que tenderá; nos correios o amarelo; na cena ritualística à noite, o azul; e na parte de Denis com Lenora, o verde. Isso se deve em grande medida, porque muitas cenas foram projetadas já pensando na locação, uma vez que minha proposta inicial para esse roteiro é não vendê-lo, restringindo sua realização à condição de eu ser o diretor. Já na terceira parte do filme, eu uso o contraste e o colorido de formas mais acentuadas, como o céu que se torna roxo e verde, os campos de luz mágica e o sonho de Denis que se manifesta esfumado.

O personagem de Murilo é grandiloquente e possui um tom pregador e professoral. Ao mesmo tempo, é esse tom que vai permitir ao espectador perceber a sua neurose. Nesse sentido, escolhi trabalhar a sua voz em modos: como fala, como voz off e como fala direcionada à câmera, de forma que a quebra do pacto na narração atente para o conteúdo do que ele está dizendo. Falar diretamente com o espectador para que o conteúdo da fala seja mais apreendido.

A neurose, expressada pelo filme e apreendida pelo espectador, também extrapola o personagem de Murilo, aparecendo na voz off de Denis na terceira parte e na voz off e nas aparições de Dinho, o narrador, que contribuem para a textualidade expandida do filme.

## 8. QUESTÕES DO LIVRO DA LEI E ESPIRITUAIS

Nesta parte, preciso fazer uma discussão esotérica, filosófica, histórica e prática do Livro da Lei, assim como de questões espirituais mais gerais, uma vez que são questões que aparecem de forma mais ou menos clara em *A divisão Daqui até o Lar*.

### 8.1. Uma singular visão de eterno retorno, opiniões de Crowley e conceitos espiritualistas

O meu filme aborda algumas questões espirituais especialmente a proposta de assemelhar reencarnação com um conceito de eterno retorno que elaborei. Para a doutrina espírita de Kardec e a maior parte das correntes espiritualistas pelo mundo ou pelo menos em muitos livros, fala-se da reencarnação como um processo histórico no mesmo universo, ou seja, você morreu na idade média e vai reencarnar em outro momento da era humana. Algumas vertentes dizem que a reencarnação ocorre entre sistemas solares diferentes, você estava em outro sistema, agora veio para esse onde você tem mais chances de se purificar. Tentei criar uma outra explicação metafísica no qual o universo surge apenas para que você o percorra, se manifeste.

Para entender a **minha** versão disso, é importante conhecer a doutrina da Cabala, que propõe uma relação importante entre o número 1 e o número 0 e o conceito budista de ego. Eles falam assim: enquanto houver Ego, vai haver morte e, portanto, encarnação. Muitas explicações há para isso. Mas o que interessa para o filme é que Ego é interpretado por mim como nos termos de Platão *da sombra*, da cópia em relação ao Mundo Real, é como se nós fôssemos seres que estão vindo da manifestação menos real à manifestação mais real, “mais sólida” e isso se desse a partir de várias reencarnações, é como se estivéssemos “ganhando realidade, constituição”. É magia mesmo. Da fantasmagoria ao real. Ego pode ser entendido como fantasmagoria.

Assim o universo surgiria apenas para que pudéssemos “zerar” nossa fantasmagoria constitutiva a partir do tempo (Kronos). Então a cada diminuição do ego, reencarnaríamos em novos universos. Portanto não é exatamente reencarnação, como comumente conhecida, mas um eterno retorno, mas para vidas que não precisam ser as mesmas. Isso eu não defino. Daí Denis perceber que já tinha subido “aquela montanha” milhares de vezes em busca de Lenora e sempre ter sido traído: isto é, uma armadilha no percorrido do tempo. Mas o esquecimento sempre vem. Há também subjacente, embora não seja minha defesa, o conceito

de ascensão (ao paraíso) ou a libertação no nirvana. Mas é difícil livrar-se disso metafisicamente. A doutrina espírita em geral crê em múltiplas dimensões e seres ascencionados.

Por outro lado o Livro da Lei traz a resposta sempre ao mundo manifesto quando conclama: “A lei do forte, esta é a nossa lei e a alegria do mundo”. Tentei colocar isso no filme também.

Uma questão espiritual para mim era o *pedido*. Eu me pergunto: o que poderíamos (deveríamos) pedir? *A melhor trajetória, as melhores influências e as melhores decisões*. Parece que sim.

Resolvi tornar o evento amoroso de Murilo, o momento de tomada do próprio corpo, quando Murilo “torna-se ele próprio”, ou para parte da doutrina esotérica, na minha forma de ver, “alcança seu corpo astral”. Mas como ele não alcança com pleno sucesso, seu corpo astral não se manifesta totalmente, deixando a pulsão de morte estar mais forte do que a pulsão de vida, como se o não-manifesto estivesse mais forte que o manifesto. O Juramento do Abismo seria esse juramento em que o indivíduo ao entrar em contato com seu corpo astral, mesmo que ele esteja parcialmente manifestado, jura contribuir para este Universo e, portanto, lutará com rigor contínuo para seus objetivos. Que, pela doutrina, podem ser o que ele quiser. Esse juramento lhe daria mais tempo diante da morte que há dentro dele por causa da magia do Ego.

Outra questão também é que uma das formas de pensar reencarnação é pensando nos conceitos de manifesto e não-manifesto, base da doutrina cabalista. Há uma analogia entre Platão e a Cabala. O Mundo das Ideias, mundo espiritual ou mundo não-manifesto, poderia ser representado pelo número zero, e o mundo real, mundo manifestado pelo número um, analogia reconhecida por Crowley, leitor de Platão. Mas para ele, a diferença é que o Mundo Ideal é frio, inexistente, embora perfeito, então deve-se valorizar o mundo real, possuidor de calor, fonte da vida, o número 1 acima de tudo, a força da Vontade de Deus Criadora do Universo, não importa se o universo é caótico, desigual ou injusto. Deus quis assim, e quem há de negar-lhe a maioria “espiritual”? Quem pode com ele? Quem pode com a injustiça ou o caos? Então se ninguém pode detê-los, como não considerá-los uma obra divina, mesmo que pelas mãos dos perversos? Crowley não defende a crueldade, apenas tenta explicá-la como dentro do plano divino, porque Deus não se responsabiliza. Um thelemita não acredita



na frase “porque Deus quis assim”, e, me parece, não crê em punição divina. Mas todas essas questões são voláteis.

Mas daí a visão de Crowley de que a melhor representação do Deus que rege os homens só pode ser um Deus da Guerra, pois ele não fez as coisas de uma forma hierárquica, auto-explicativa com uma condução prevista, ele permitiu a variação no destino do homem. Ele criou mistério, ilusão e escravizou as almas no caos, para que só daí pudesse haver redenção, mas para Crowley redenção sempre no mundo manifesto. “A lei do forte, essa é a nossa lei e a alegria do mundo”.

Crowley não deixou claro suas visões sobre a reencarnação. Ora o Livro da Lei prescreve que “Depois da morte, há somente dissolução”, ora ele próprio afirma que muitas almas estão encarnando pela primeira vez, por isso, se comportam de forma infantil, ora fala que o homem reencarnará no seu oposto, ora diz que ocorrem mudanças na alma após suas Vontades (no conceito thelêmico Verdadeira Vontade, considerado como essencial) terem se esgotado. Talvez por essa enorme variação de opinião, eu tenha me dado a liberdade de criar minha própria visão de reencarnação também.

Digo que não tenho convicções entorno destes temas, apenas aproveitei-os artisticamente a partir de minha imaginação. Espero contribuir para a discussão e inspirar gênios, assumindo o panfletarismo, a historicidade e a publicitação de discussões.

Por último, gostaria de registrar que não gosto do termo *ocultista*, porque tantas coisas estão ocultas, no esoterismo e fora dele. Maçons, esquemas de corrupção, jogos políticos, decisões em todas as instituições. E não quero contribuir para uma imagem e uma linguagem que preferem a ignorância em relação ao assunto. Pelo mesmo motivo não gosto de *sociedade secreta*. O melhor termo para mim é o que Raul Seixas usava *sociedade esotérica*, pois assim não há julgamento sobre a corrente.

## 8.2. Hino à Pã

Crowley fez um hino-poema dito mágico que chamou de *Hino à Pã* (*Hymn to Pan*). A tradução do inglês para o português foi originalmente feita por Fernando Pessoa. Resolvi colocá-lo no cinema por sua potência de pensamento e sua força dramática.

Para a cena do meu filme que tinha que usar este poema, resolvi, então, retraduzi-lo, pois achava que a tradução de Fernando Pessoa tendia à letargia e o texto original era em tom

exaltado. Por isso tive o prazer de traduzir Hino à Pã, fazendo um trabalho criativo na paragrafação para imprimir ritmo de invocação à entidade Pã e ao hino, e usando uma tipografia para ressaltar a histericidade característica do hino. Ver apêndice 1 - HINO À PÃ.

Tive o prazer também de ler um trabalho de Helena Barbas da Universidade Nova de Lisboa que trata sobre os poemas, a tradução em Portugal e a relação de Pessoa e Crowley, que durou pouco na década de trinta.

### 8.3. A tradução de “Faze o Que Tu Queres”

O axioma de “Faze o Que tu Queres, Há de Ser Tudo da Lei”, em verdade, não foi escrito assim, uma vez que a tradução literal em inglês não corresponde a isso. O original é: *Do what thou wilt, shall be the whole of the law*. Literalmente: Fazer o que tu queres, deve ser o todo da lei. A tradução brasileira foi feita, naturalmente, por Marcelo Ramos Motta, fundador da A.A. no Brasil e ainda por cima professor de inglês. Perdido em seus escritos, em sua mente, em sua morte está o motivo que o levou a colocar o imperativo na frase. Talvez para facilitar a mensagem: *Faze*. Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei. A substituição de *deve* por *há*, também é misteriosa, mas parece ir no mesmo caminho. Que é valorizar o imperativo, e o sentido de *tanto faz*, ou *liberdade incondicional*. Para Crowley, o mais importante era combater a ideia de pecado, assim como a de punição divina, daí sua ideia central ser a *liberdade total*. Nesse sentido a tradução de Marcelo é perfeita e supera o original.

Marcelo pode ter investido nesta forma de traduzir para combater a época muito moralista e ditatorial, então a tradução valoriza a liberdade. “HÁ DE SER TUDO DA LEI”. Por último, Marcelo ainda substitui *o todo da Lei*, por *tudo da lei*. Para alguns, a tradução de Marcelo é inequívoca, pois fazer o que quiser, é, sim a Lei, de forma que a frase em português expressa melhor ainda a liberdade irrestrita que Crowley queria propor. Por isso, a frase de Marcelo é muito bem creditada.

Mas poderíamos tecer uma crítica global a esta tradução, pois para alguns thelemitas fazer o que se quer, não é fazer o que quiser, leitura que a tradução permite ser legítima. Este é um ensinamento de Euclides Lacerda: “faze o que tu queres, não é faze o que quiseses. Faze o que tu queres, constitui a mais rigorosa liberdade”. Creio que aí está um sentido de que é necessário o Ser conhecer seu projeto de vida para que daí possa operar com a liberdade

irrestrita, inclusive moral, ou deve conhecer seu limite moral para definir sua liberdade e sua ação no mundo. A cada sistema um sistema.

Os créditos singulares que podemos dar a tradução de Marcelo Motta foram dois: estimular a liberdade do público com o uso do “há” e “tudo”, e torná-la massiva com o uso do imperativo “faze”. Inspiração é inspiração, e os fatos são os fatos. É duro criticá-lo, mas devemos fazê-lo para ter uma visão mais global.

Raul Seixas também deu sua contribuição no caldeirão de sentidos, pois acrescentou o “pois”, cantando: “Faze o que tu queres, pois é tudo da lei, da leeeeei. Viva! Viva! Viva Sociedade Alternativa!”.

No meu filme, eu acrescento uma discussão à tradução quando Murilo fala: “Lei pode ser substituído por busca. Fazer o que tu queres, deve ser o todo da busca”, ideia que um dia me ocorreu e quis acrescentar à discussão, a partir da invenção total, que coloco no personagem de Murilo, mas que nunca vi nenhum thelemita expressar.

#### **8.4. LIBER OZ**

Fundamental na filosofia thelêmica e no meu filme, também foi o texto LIBER OZ, que, dizem, foi usado como uma das bases para a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ele aparece duas vezes no meu filme. Foi escrito por Crowley em 1943, 4 anos antes de sua morte. A paragrafação, tipologia e uso da caixa alta que seguem no apêndice são minhas.

No meu filme eu acrescentei o verso que eu mesmo criei: *“O homem tem o direito de se contradizer como e quantas vezes quiser”* e recriei um verso a partir de duas falas de Raul Seixas: *O homem tem o direito de morrer quando e como quiser* se transformou em: *O homem tem o direito de morrer!!! De morrer quando e como quiser, de beleza, de punhal ou cortando os pulsos, afinal, a vida é a única coisa que a gente tem, a gente pode fazer o que quiser com ela.*

Ver apêndice 2 – LIBER OZ.

#### **8.5. Sobre os limites da pesquisa e do filme**

Uma vez que o centro do meu filme é o amor, e não o esoterismo, e na forma as narrativas paralelas e equivalentes, eu usei apenas o material esotérico ou bibliográfico que

achei que cabia a esta narrativa. Muitas outras narrativas poderiam ser feitas com base na história destes brasileiros, inclusive com escopo internacional. Raul foi aos E.U.A. e conheceu John Lennon após este ser perseguido pelo governo americano, com ameaça de extradição, como muitos filmes recentes tem narrado. Era o momento em que John conversava com outros movimentos políticos contra a guerra do Vietnã ou como os Panteras Negras.

Marcelo por sua vez, após se afastar de Euclydes, começou a fundar novas organizações thelêmicas, que foram perdendo o próprio caráter que ele tinha se proposto a configurá-las inicialmente em 1963. Parece ter entrado em crise neurótica, principalmente a partir de 1975, mas isto carece de confirmação de fontes, pois minha pesquisa não obteve 100% de certeza nesse tópico. Mas é certo que se tornara menos pacífico do que fora. Euclydes acusa suas novas organizações de terem assumido um caráter fascista. Um dos seus discípulos até pensou em realizar um atentado a uma livraria na Inglaterra, devido a desentendimentos entre Marcelo e o livreiro.

Muito importante foi a briga entre Euclydes e Marcelo, tão importante que levou Euclydes a escrever um grande texto chamado, “*Marcelo Ramos Motta: Um enigma*”, no qual se defende de antigas acusações, traça outras à Marcelo e explica muitas questões das iniciações às ordens que existiram/existem. Um trecho do texto se segue:

“Como legítimo membro da A.A., Marcelo Motta treinou vários estudantes. Frater Aster estava entre estes até o ano de 1975. Mas mesmo os iniciados naquela Ordem não escaparam da ira injustificada de Marcelo, e não demorou muito a serem também acusados de falhas em ordálias so existentes na mente do Instrutor. Uma mente antes brilhante, agora atormentada. Seu maior erro no que toca à A.A. foi tentar acumular todos os Cargos Oficiais da Ordem (Preamonstrator, Cancellarius, Imperator ), alijando continuamente candidatos capacitados para os mesmos.

O processo da bizarra transformação de Marcelo Motta crescia e, aproximadamente em 1980, tornou-se um homem perigoso. Muitos de seus estudantes retiraram-se de um ativo envolvimento com ele; outros retiraram-se ao silêncio, enquanto outros perduraram na vã esperança de uma mudança do quadro. Tudo inútil: viriam depois seguir os passos dos anteriores.

Nesta época a polêmica figura dele somente conseguia angariar inadequados candidatos à iniciação tanto na O.T.O. Quanto na A.A.. Indivíduos visivelmente inclinados a uma personalidade fanática. Desvio este chegando a tal ponto que, na Inglaterra, um deles tramou explodir a livraria de antigos e conhecidos editores britânicos (Routledge & Kegan), simplesmente porque Marcelo estava "aborrecido" com eles. (Este estudante, erradamente, quase destruiu uma outra livraria. Preso, veio a falecer p tempo depois). (...)

Todo este caótico quadro representa uma deplorável parte da herança que Marcelo Motta deixou para vários grupos (atualmente se digladiando) formados a partir da auto proclamada "única e verdadeira O.T.O.", e que vem recrudescendo após a morte de seu idealizador, liderados por incapazes que somente conheceram Marcelo Motta em seus piores dias”.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> *Marcelo Ramos Motta: Um enigma*, disponível em: [www.ordoaa.com.br](http://www.ordoaa.com.br) e acessado em: novembro de 2014; erros no registro da Língua Portuguesa constam no artigo no site.

Como fica claro, este texto foi muito importante para mim, para traçar a ideia do Murilo neurótico, mas a diferença é que meu personagem não apresenta ser perigoso para os outros, apenas sofre individual e solitariamente de amor.

Fica claro que o trabalho de iniciação mágica para Euclides possa ter sido atrapalhado ou mesmo interrompido, devido à negação de seu antigo instrutor em atendê-lo. Isso por si só, é uma temática muito interessante para o cinema, assim como as questões políticas e formais e as tramas. Mas eu me mantive na relação de adoração de Euclides por Marcelo, pois isso era mais importante para a minha narrativa, já que queria contrapor a autoridade externa de Murilo ao seu sofrimento interno.

As questões das iniciações nas ordens também dão fruto ao cinema para quem quiser pesquisar. Escreve Euclides:

Não se pode perder de vista a correta divulgação de Thêlema, encobrindo o que se passou de fato no Brasil. Mesmo que a causa desta desvirtuação tenha tido sua origem em Marcelo Motta, ou em Frater A., ou em qualquer outro. Esconder a verdade dos fatos como realmente aconteceram seria injusto com aqueles que tanto deram de si mesmos nos primeiros anos, ou mesmo atualmente, em prol de um conhecimento mais amplo da natureza do homem, e do seu lugar no contexto universal.

Além da biografia das ordens e das pessoas, existe muito mais material esotérico deles que não usei no filme, que poderia ser usado cinematograficamente.

A pesquisa feita sobre o trabalho de Marcelo Motta e Euclides, com base em Thelema, com certeza, me ajudou a pensar paralelamente o *rigor* necessário aos grandes projetos e a *dureza* da vida. **“A Lei do forte; esta é a nossa lei e a alegria do mundo”.**

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acho que é coisa de gênio conseguir descrever a verdade, captar a cor, descrever o objeto. Por isso, para quem não consegue, o que resta é substituir, descobrir estilos, repetições, inclinações. Fazer humor, sensação. Foi o que tentei fazer nos momentos de abertura deste relatório, cuja realização me fez estimar antigas leituras que tinha feito como Stephen King, Neil Gaiman e Terry Pratchett, cheios de Vontade e ambição.

Foram longos cinco anos de estudo, cada um com sua característica, nos quais muita coisa aconteceu entre elas muitas aventuras, quase todas perigosas. Eu alcancei meu corpo astral, pelo menos mais do que era antes, ou menos se você pensar de outro jeito. É difícil definir. A rapadura é doce, mas não é mole não... No curso de Radialismo ocorreram eventos importantes, como a entrada de novos professores, o fortalecimento descomunal do Cineclube Cinerama e a realização de uma reunião entre alunos e professores para discutir a Habilitação no final de 2013. É uma pena que o discutido neste encontro tenha sido engavetado... mas só para refrescar tem haver com o **fim do limite de filmes realizados por disciplina**, permitindo que todo aluno tenha o direito inalienável de ser avaliado como diretor. O que obviamente contribui para uma visão mais produtora da faculdade.

Não me despedirei da ECO, pois já pedi meu reingresso em Produção Editorial, mas do curso de Radialismo, curso heterogêneo nas disciplinas, nos professores e nos alunos. Curso que me fisionomizou pela ambição de ser cineasta, cujos requisitos terríveis eu não detinha. Talvez eu tenha agora, mas é tarde demais para usá-los no curso. É a tal peneira – será que é da vida? Mas por mais um pouco eu acompanharei a faculdade.

A ECO como um todo, dos professores aos alunos, é muito heterogênea; chega a ser surpreendente que o prédio não se divida como uma estrela-do-mar cujas partes continuam todas vivas. Eca! Mas ela é uma mãe também, pelo menos, simbólica. É um castelo de experimentações e encontros, e loucuras e mistérios, banhado pelo sol da Urca e o verde do Campus. Espaço único no mundo. Tenho muito orgulho de ter estudado aqui entre os anos de 2010 e 2014. Não posso saber o que vai ser daqui para frente, a cada geração novas caras, novas demandas, uma nova sociedade brasileira por trás. Mais um pouco eu acompanho. Vida longa ao Comunicador Social.

## REFERÊNCIAS

Sites: [www.ordoaa.com.br](http://www.ordoaa.com.br), <http://www.euclideslacerda.org/> - acessados em: março de 2013 a novembro de 2014

ALMEIDA, Euclides Lacerda de, **Marcelo Ramos Motta: Um enigma**, ?

BARBAS, Helena, **O Hino à Pã de Fernando Pessoa**, 2003

CLAIR, Saint, **O Zen das Estrelas**, Pensamento, 2009

CROWLEY, Aleister, **O Livro da Lei**, 1904

CROWLEY, Aleister, **LIBER OZ**, 1943

CROWLEY, Aleister, **LIBER vel MAGI**, ?

CROWLEY, Aleister, **HINO À PÃ**, ?

JUNG, Carl Gustav, **O Livro Vermelho**, Editora Vozes, 2013

KING, Stephen, **A Torre Negra**, Editora Objetiva, 2007

MOTTA, Marcelo Ramos, **Ataque e Defesa Astral**, 1986

## APÊNDICE 1 – HINO À PÃ

“Hino à Pã, como traduzido, paragrafado, syntaxizado, recriado e tipografado por  
Daniel Araújo de Mendonça”

Vibra com a luxúria ágil da luz, Ó homem! MEU homem!

Venha surgindo da noite de Pan!

Io, Pan! Io, Pan!

Io Pan! Iôu Pan!

Vem por sobre o mar

Da Sicília e da Arcádia

Perambulando como Baco, com faunos e leopardos

A escolta de ninfos e sátiros,

Em um burro branco como leite,

Vem por sobre o mar

A mim!

A mim!

Venha com Apollo em vestido de noiva

e

Venha com Ártemis calçada de seda,



Ao luar do bosque, na montanha de mármore, esfrega a tua  
coxa branca, Deus lindo, na manhã cavada da nascente  
âmbar,

Mergulha o roxo da apaixonada reza no santuário carmesim,  
E que tu sejas a cilada escarlata,  
e que a alma se assuste e brilhe em olhos de tristeza  
ao assistir tua devassidão

chorando através do bosque emaranhado,  
aquele tronco retorcido da árvore vivente  
que aqui é o espírito e a alma e corpo e cérebro  
vem por sobre o mar  
Ò, Pan! Io Pan!

Deus ou demônio: a mim!

A mim!

Meu homem, meu homem...

Venha com trombetas soando agudas  
por sobre as montanhas!

Venha com tambores a rufar baixinho  
vindos da primavera!

Venha com a flauta e com a traqueia  
Não estou eu maduro?

Eu, que espero e me torço e combato  
com ar que não tem galhos para se aninhar  
meu corpo,  
fustigado pelo abraço vazio, cansado com o abraço vazio

Forte como um leão, e afiado como uma adaga

Venha! Venha!

Estou torpe com a libido do demônio apenas.  
Perfura com a espada os grilhões das escoriações  
Tu que a tudo devora e a tudo cria  
Dê-me o sigilo do Olho Aberto  
e o totem ereto da coxa chifruda

... e a Palavra de loucura e mistério

Ò Pan! Io Pan!

Io Pan! Io Pan!

Pan!

Pan!

Pan!!

Pan!!!

Eu sou um homem

Faze o que tu queres, como um grande deus pode,

Ò Pan! Io Pan!

Io Pan !!!

Io Pan, estou desperto!

A compreensão da mão da serpente!

A águia rasga com bico e garra

Os deuses se retiraram.

As grandes feras vêm, Io Pan!

Eu nasci para a morte no chifre do unicórnio

Eu sou Pan! Io Pan!

Io Pan! Io Pan!

Pan!!!

Eu sou teu amante, eu sou teu homem,

Cabra do teu rebanho, eu sou ouro,

Eu sou Deus,

Carne do teu osso, flor do teu tronco

Com patas do teu metal eu corro nas rochas

Do solstício obstinado ao equinócio

e eu deliro; e eu estupro, e eu arranco e rasgo

Perpétuo mundo sem fim,

Humanidade, virgem e cortesã bacante,

O Homem

No poder de Pan.

Io Pan!

Pan!

Pan!!

Pan!!!

Io Pan!

## APÊNDICE 2 – LIBER OZ

### LIBER OZ

*A lei do forte: esta é a nossa lei e a alegria do mundo. Faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei.*

*Tu não tens direito senão fazer a tua vontade.*

*Faze isto, e nenhum outro te dirá não.*

*Não existe Deus senão o PRÓPRIO homem.*

*Todo homem e toda mulher é uma estrela. Todo número é infinito.*

*O Homem tem o direito de viver pela sua própria lei; de viver da maneira QUE ELE QUER viver; de trabalhar como e quando quiser; de brincar! De brincar como quiser!*

*O Homem tem o direito de comer o que quiser; de beber o que quiser; de morar onde quiser; de se mover como quiser sobre a face do planeta, porque o planeta é dele!!!*

*O Homem tem o direito de pensar o que quiser; de falar o que quiser; de escrever o que quiser; desenhar, pintar, lavrar, estampar, moldar, construir como quiser;*

*De se vestir como quiser*

*O homem tem o direito de morrer quando e como quiser;*

*O Homem tem o direito de amar como quiser; "tomai vossa sede de amor como quiserdes".*

*O Homem tem o direito de matar todos aqueles que aqui quereriam contrariar estes direitos.*

*Os escravos servirão! Amor é a lei, mas amor sob vontade.*

### APÊNDICE 3 – A divisão Daqui até o Lar – Roteiro de Longa-Metragem

Sinopse: Murilo é o líder de uma sociedade esotérica, mas sua vida pessoal não vai bem. O desenvolvimento de sua neurose afetiva o leva a colocar fogo na própria casa acidentalmente, sendo transportado a novas realidades.

#### PERSONAGENS:

Esoteristas: Murilo, Raul, Eduardo, Paulo, Finório

Deuses: Kronos e Rá-Hoor-Khuit (Hórus na sua forma falcão)

Jovens: Denis, Lenora, Carlos, Joana,

Jovens no sonho: Denis, Rainha Lenora, Rei Carlos

Narrador: Dinho

Qualquer um desses personagens é mera ficção. Menos os deuses. Os deuses são reais. Foram escritos à imagem e à semelhança.

*“Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda”*. **Índios**, Renato Russo

**A divisão Daqui até o Lar**

Um roteiro de Daniel Araújo de Mendonça

Copyright by Daniel Araújo de Mendonça (2014)

Todos os direitos reservados

Cena 1 Universo EXT.

Imagens do universo, sistema solar e signos zodiacais. Até que chega em Saturno e mostra a imagem de um velho. Depois vem para Terra e nela há uma catedral gigante.

DINHO OFF

Existe uma força de cima que pressiona à medida que o planeta avança; quanto mais as pessoas conseguem "fazer o que querem", entrando na rota de suas trajetórias, mais essa força é assumida para este mundo, para o real, mais as formiguinhas se fortalecem, porque nunca deixarão de ser formiguinhas, entre aspas. Você não deve se suicidar, porque você caminhando aumenta as chances do mundo ir na direção certa; para esta e para a próxima vivência sua de um mundo. Além de melhorar para você, talvez realmente haja aquilo de o planeta estar indo na direção do céu, mas dependente da ação de seus habitantes. Não há qualquer padrão moral nisso, não existe um valor de ação. Cada um tem que saber qual é o seu caminho.

Cena 2 Palco de Teatro INT./Fim de Tarde

Dinho está sentado em uma cadeira atrás de uma mesa, em cima de um palco de teatro. Ele é magro e alto, possui cabelo preto curto, veste calça jeans blusa de manga longa branca com as mangas dobradas acima dos cotovelos e usa um lenço vermelho no pescoço. Discursará e enquanto isso aparecerão marionetes operadas "pelo invisível". Ao seu lado ou sobre a mesa estão um urso de pelúcia, relógios, canetas, papel e madeira.

DINHO

Religião (*abre uma mão*) versus Ciência (*abre outra mão em direção oposta.*) O lado que nos serve VERSUS o lado que nós servimos... Magia antiga. (*levanta o*



dedo) Primeiro Kronos. PAUSA. (afirmando satisfação) Bom princípio era Kronos.

DINHO

Saturno, como Kronos era chamado pelos romanos antes de se tornarem cristãos, contém todos os deuses. Contém em si todas as relações do universo. (caminha pelo palco, salta para a platéia e caminhando na beirada do palco, passa a mão por sobre o chão do palco. Retira um tanto de poeira) Da vida à morte, do possível ao impossível, do manifesto ao que poderia ter sido. Da alegria, ao desespero.

DINHO

Ah, se só houvesse movimentos harmônicos no mundo, se nada gerasse morte, se tudo fosse satisfação, se todos fossemos (gritando) NADA!

Um marionete de Kronos começa a "caminhar", ao lado direito da mesa em cima do palco. A coluna do boneco se inclina para trás e quando se inclina para frente, o boneco vomita.

DINHO

Somos todos Kronos desejando morrer quando acumulamos um ser que não deveríamos ser, nosso... filho. Kronos é muito vaidoso. Podemos imaginar a consciência falando a si própria, se criando? Os multiversos são reprodução. Ou cópia. Ou renascimento. Ou recriação.

Senta-se sobre a borda do palco.

DINHO

Os antigos feiticeiros estudaram muito e perceberam que - algo - está sempre tentando reproduzir a si mesmo, esse algo quer sempre fecundar outro algo, mas essa vocês já sabiam. PAUSA

Outra marionete de Kronos (uma cópia idêntica) começa a "caminhar" pelo lado esquerdo da mesa e vai para o centro de pequenos espelhos que até aquele momento não estavam em cima do palco. No centro do círculo de espelhos a marionete fica virando de um espelho para o outro, enquanto Dinho discursa.

DINHO

Todos os seres são caminhos da manifestação de deus, então no fim todos são iguais, mas quando um ser é constituído como caminho ele passa a buscar o Seu verdadeiro Eu. Mas há mortes no meio dos caminhos.

Espelhos aumentam e diminuem que nem sala de espelhos de circos.

DINHO

Se eu for um escritor será que terei sido o que realmente gostaria de ser, um caminho do coração, a narrativa do querer manifestada no mundo?

Marionete de Kronos caminha e aparece a miniatura de uma catedral.

Câmera recua mostrando os dois lados do palco. Esta altura Dinho já subiu ao centro, ficando sentado na cadeira.

DINHO

Será que você pode tentar de novo?

Marionete chuta a escultura da catedral. Jogo de luzes.

DINHO

Tudo são versões, mas em TODAS nós acabaremos, e navegamos entre as versões de nós mesmos e do mundo de acordo com nosso mérito. Se no fim das contas fomos mal representantes de nós mesmos, podem ter certeza de que acordarão em um inferno pior. Todo ser está tentando buscar a manifestação sagrada e sustenta-la o maior tempo possível.

Cena 3 Cultura Inglesa INT./Dia

Sala de aula bem cheia. Dinâmica de sala de aula, alunos com livros abertos, professor pede participação. Câmera acompanha ações sem fala, áudio de um passarinho.

MURILO

Listen to me, STRANGER THAN PARADISE is different than STRANGERS IN PARADISE, you see? One more time the Brazilian translators have done an atrocity with the subject. Alright, we'll see on Thursday.

Aluno se levanta e se dirige ao Professor Murilo.

ALUNO

Teacher may we talk?

MURILO

A aula terminou, podemos falar em português.

ALUNO

Você me tiraria uma dúvida?

MURILO

CERTAMENTE.

Aluno faz cara de quem vai pedir alguma coisa, junta as mãos na altura do ventre.

ALUNO

Não sei bem como te dizer isso, mas sei que você é o fundador da Astrum Argentum. no Brasil...

MURILO

CALA-TE! Não sei como você ficou sabendo disso, mas aqui não é lugar para falarmos sobre.

ALUNO

Mas eu desejo me candidatar à ordem!

MURILO

Você sabe do que está falando? Como ficou sabendo do Livro da Lei?

O aluno fica em silêncio.

MURILO

CERTO. Uma nova loja vai ser aberta (apontando o dedo na cara do garoto) e, se você quer ser testado, para ingressar, me encontre neste endereço (escreve no papel) depois do almoço. Não fale disso com ninguém.

Cena 4 Casa de Murilo INT./Noite

Murilo está em sua escrivaninha escrevendo uma carta. Câmera se afasta e mostra seu escritório e uma peça de arte em madeira de um Falcão, com uma vela acesa.

Cena 5 Correios INT./Dia

Murilo na fila. Quando é atendido, envia mais de cinco cartas, todas têm o selo da Astrum Argentum.

Cena 6 Casa de Eduardo INT./Fim de Tarde

Eduardo vai à caixa de correio de sua casa e vê, ficando feliz, uma caixa de papelão com o selo da Estrela Prateada. Vai para casa e abre a caixa. Dentro dela, há uma fita de áudio de gravação. Eduardo pega seu gravador e coloca sobre a mesa. Ouve a fita.

MURILO OFF

Hoje dia 18 de dezembro de 1973, estou lhe enviando verbalmente a notificação de que você está admitido ao grau de neófito da A.A. com os privilégios e deveres a este pertinente a não ser que você escreva por escrito a recusa de admissão a este grau. Esta recusa, porém, deve ser uma recusa consciente e não um falso sentimento de modéstia, pois se eu julgo você capacitado para operar neste grau, isto é suficiente para que eu considere o seu direito a ele. Porém os deveres do grau devem ser assumidos voluntariamente por si mesmo. Caso você aceite... a nomeação, você receberá por escrito o juramento tarefa do Neófito e também o juramento tarefa do Probacionista e aí você estará qualificado para aceitar probacionistas para trabalhar na A.A. Essa minha decisão está baseada no seu contato comigo durante vários anos e suas reações durante esses anos. Caso você aceite a sua nomeação, lembre-se que qualquer um dos livros incluídos no currículo em "Chamando os Filhos do Sol" podem ser recomendados a proceptivos aspirantes a A.A. Por exemplo, o único livro do Jorge Adoum que é mencionado naquele currículo é "Do sexo a divindade". Nenhum outro livro do senhor Adoum tem o valor necessário para ser incluído no currículo. À bom entendedor meia palavra basta. Como eu ainda não tenho a sua aceitação por escrito do grau e dos deveres, eu não posso lhe dar ordens ainda, mas simplesmente lhe recomendo a prática intensiva, sistemática e incansável de liber o! VEL MANVS ET SAGITTE. Principalmente nas seções 4, 5 e 6 durante pelo menos 9 meses. Pela prática desse livro você chegará a conclusão de que os demais livros do senhor Jorge Adoum e dos demais assim chamados ocultistas escrevendo atualmente são PURA TOLICE. Mas você tem que experimentar pessoalmente para poder avaliar até onde os outros têm algo de valor a dizer. A posição de neófito da A.A. lhe autoriza a receber probacionistas e a treinar estes

probacionistas, porém literalmente de acordo com as condições estabelecidas no juramento-tarefa do probacionista que lhe será enviado. Nesse sentido devem estar sempre submetidas ao seu juramento pessoal e tarefas como neófitos. Os exercícios e práticas permitidos a probacionistas e neófitos são os exercícios da A.A. e não de quais quer outras ordens iniciáticas, você tem que seguir o currículo da A.A., e não qualquer outro currículo, não importa o quão atraente ou melhores as práticas de outros currículos lhe pareçam. Com experiência e vivência, você verificará que as práticas de outros currículos parecem melhores porque estão formuladas de maneiras mais pretensiosas, mais rebuscadas e mais floreadas e mais cheias de inúteis autopropagandas que as instruções da A.A. Há duas categóricas e seríssimas desobediências das quais leva a quebra total com qualquer iniciado pertencente a A.A. E estas são: você não pode aceitar dinheiro para iniciação da A.A. Segundo: você não pode dar quaisquer conselhos ou orientações de qualquer tipo a quem quer que seja sobre a invocação do sagrado anjo guardião. Esta é uma operação pessoal em que ninguém, nem os de mais alto grau estão capacitados para interferir. Cada indivíduo tem que chegar a uma conclusão a respeito desta operação por conta própria, inclusive quanto a época própria para realiza-la. Ninguém mais está autorizado, ou capacitado para interferir. Se você quiser evitar erros que podem ser fatais em qualquer caso, a regra mais simples é seguir literalmente o que está escrito no juramento tarefa do probacionista, sempre levando em conta liber o e liber oz. Se você aceitar a nomeação agora feita, você está liberado por nós, repito, você está liberado por nós de qualquer necessidade de espalhar abertamente que é um membro, ou um iniciado ou um representante da A.A. mesmo no humilde grau de neófito. Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei. Lembre-se que é indispensável que

você não faça proselitismo de qualquer espécie. Lembre-se do Livro da Lei: Não discutas, não convertas, não fales demais. Para aqueles que vem a você procurando contato com a O.T.O. não mencione sequer o seu contato com a A.A. Em suma não mencione seu contato com a A.A. a não ser que as pessoas que vem a você expressem voluntariamente um interesse em contato com a A.A. em tal caso você terá como dever que você pode servir de contato com a ordem, caso é claro, você aceite a nomeação que aqui está sendo feita... (som vai sumindo)

Câmera se afasta. Fade-out.

Anoitece. Eduardo sorri, tira fita, guarda rádio e se dirige para seu quarto. Lá retira um baú de madeira, abre-o, onde há um robe, uma varinha, velas, e coloca a fita dentro do baú e tranca.

Cena 7 Praça Quinze EXT./ Dia

Eduardo e Murilo estão encostados no Arco do Telles. Olham para a rua com desconfiança, à procura das pessoas corretas para entregar seus folhetos. Eduardo está vestido de bermuda e t-shirt, mas Murilo usa uma espécie de sobretudo, uma roupa preta longa. Murilo vai até um hidrante e sobe nele com os dois pés.

MURILO (a plenos pulmões)

Todo homem e toda mulher é uma estrela!

MURILO (a plenos pulmões)

O Homem tem o direito de viver pela sua própria lei!!! De viver, da maneira em que QUER viver!

As pessoas à sua volta olham para ele, alguns param e outros continuam andando.



MURILO (a plenos pulmões)

O Homem tem o direito de brincar e trabalhar como e quando ele quiser!

MURILO

O Homem tem o Direito de moldar, escrever, pensar, dizer, pintar o que e quando ele quiser!

MURILO

O homem tem o direito de se vestir como que quiser!

MURILO

O homem tem o direito de se contradizer como e quantas vezes quiser!!

Limpa a boca com a língua e limpa a cara com o braço. O número de pessoas ao seu redor cresce.

MURILO

O homem tem o direito de amar a quem quiser! Tomai vossa sede de amor, sob as estrelas e dois!!

Faz o sinal de "v" com a mão direita.

MURILO

O homem tem o direito de morrer quando quiser!

Dois jovens na multidão aplaudem veementemente e depois, vendo o silêncio, se constangem. Alguns outros vão embora.

MURILO

O homem tem o direito de matar todos aqueles que aqui quereriam contrariar estes direitos!!

Vaias da plateia.

MURILO

Os escravos servirão! Amor é a lei, mas amor sob Vontade!

Murilo desce do hidrante, sob vaias. Muitas pessoas vão embora. Murilo fura a reunião de pessoas com Eduardo e algumas pessoas atrás.

CORTA PARA

Murilo e Eduardo conversando com algumas pessoas no mesmo lugar e distribuindo panfletos.

MONTAGEM

- A) Alguns jogam o papel fora
- B) outros ignoram
- C) outros leem e fazem uma expressão de horror,
- D) outros leem e perguntam um pouco mais,
- E) outros xingam.

Iluminação muda para fim de tarde.

EDUARDO

Acho que esse não é o caminho. Isto não está adiantando. Precisamos tentar outra coisa.

Murilo faz cara feia e olha para igreja em frente à praça.  
Mostra Igreja.

MURILO

Sim.

Cena 8 Café de uma livraria INT./Dia

Paulo e Raul estão sentados em uma mesa. Paulo usa rabo de cavalo e Raul fuma um cigarro.

PAULO (LEVANTA O DEDO)

E o Saint Clair fala que foi na época do Truman que o contato foi feito. Ele ressaltava que de todas as ciências humanas só a astrologia seguiu em todas as épocas e, que agora, na Era de Aquário, nós vamos viver o momento de revelação e de explicação do universo. Do porque estamos aqui.

RAUL

Tu acredita mesmo nisso? Tem aquele papo dos chakras e as pesquisas do Willhem Reich e do Nikolas Tesla, sobre energia sexual e ascensão do espírito, deixando o corpo para trás.

PAULO

Sim, são exatamente esses segredos que os antigos sabiam e foram perdidos com a Atlântida e a volta dos humanos para sua casa celestial foi atrasada em (leva a mão à bochecha como se estivesse vaiando) 13 mil anos!!! Aí quando os

aliens pousaram aqui em 1950, conversaram com o Truman, e, embora a organização internacionalista pela verdade cósmica a OVC tivesse cobrado que fosse tornado público o conteúdo da discussão com os aliens, o Governo americano negou tudo! Tudo! Nem com o depoimento de ex-coronéis do Exército conseguiu-se que fosse falado algo. Ninguém acredita. A pressão não é suficiente.

Raul dá de ombros e fuma um cigarro sorrindo e olhando pelo vidro da livraria.

PAULO

O Saint prevê revolta popular para os próximos seis anos porque todos estão perguntando porque estamos aqui e vão questionar tudo!!! Guerras civis, o povo contra a repressão dos governos. O desejo de que a verdade sobre o universo seja revelada! Nada vai ser como antes, exploração, miséria, morte. (se levanta da mesa) A ORDEM VIGENTE VAI MUDAR!

PAULO

E você fica aí assim? Você não se sensibiliza não? A humanidade está indo de volta para casa!!

Eduardo entra pela livraria, avista os dois e acena. Senta-se tirando uma jaqueta.

RAUL

Esse é o nosso homem! (cumprimenta com as duas mãos)

Eduardo sorri largamente. Olham-se

EDUARDO

Então. Vocês foram aceitos pelo Murilo, para ficarem sob meu encargo na função de probacionistas. (retira da jaqueta dois rolos de papel) Aqui está o juramento tarefa de vocês.

Raul retira uma caneta do bolso e assina imediatamente.

EDUARDO

Haha. Tu debes ler as suas obrigações antes!

RAUL

Eu não tenho obrigações com ninguém (faz cara séria e após alguns instantes sorri e faz gesto de "deixa disso"), e não importa quais sejam eu vou cumpri-las.

Paulo apenas apanha o papel e o coloca calmamente dentro de seu próprio casaco.

Cena 9 Petrópolis - Rua da casa de Murilo EXT./Dia

Uma ladeira. Quatro homens de sobretudo vinho sobem a ladeira. Um carro ultrapassa eles e para alguns metros na frente. Eles continuam sua caminhada e quando passam do carro, Raul, que tem barba longa e usa óculos escuros, blusa de manga longa vinho e uma jaqueta de manga curta preta, abre a porta e sai, dá a volta no carro, se aproxima dos outros quatro. Parado na frente deles, sorri e é cumprimentado.

EDUARDO

Chegou o nosso homem! Viva a fantasia! 93!

RAUL (Como quem lembra de uma lição)

Essa É a nossa lei, e a *alegria* do mundo.

Abraçados, caminham até a porta em frente e batem. Imediatamente ela é aberta. Os olhos atrás de um óculos de Murilo aparecem, que se veste como um mórmon.

MURILO

O meu maxilar já doía com a ausência de sabedoria de vocês.

RAUL ATRÁS DOS OUTROS)

Mas a dor é curativa.

MURILO (abre a porta totalmente em um gesto brusco, nas mãos uma enorme régua de madeira. Bate com ela no umbral)

E você não me repita isso! A existência... ah seus tolos. Amor é a lei.

Ele atravessa o grupo, que abre espaço. Vira-se de novo para o grupo.

MURILO

Amor é a lei, mas amor sob Vontade.

MURILO (Inclinando-se um pouco para a frente)

Os seus olhos podem ver mas eles não enxergam.

Faz o sinal para que entrem e todos entram.

Cena 10 Casa de Murilo INT./Fim de Tarde

Murilo está sentado em uma mesa e atrás há um quadro negro. Raul fuma cigarro em uma cadeira e os outros estão sentados no sofá em frente.

MURILO

Sejam todos muito bem vindos à casa do líder da Estrela Prateada no Brasil.

MURILO

Eu sei que alguns já estão mais avançados na nossa doutrina, mas primeiro, vamos falar sobre o sagrado. O que é o sagrado e o que seria uma correta postura diante do sagrado? Por que estamos aqui?

MURILO

Durante muito tempo a humanidade pensou que a vida era sofrimento, mas agora nós temos a verdadeira doutrina da alegria, a verdadeira explicação, (aponta com o dedo para o chão e franze o rosto) até o momento, né, porque estamos sempre avançando na compreensão da Grande Obra de Deus, mas a MAIS verdadeira doutrina do porque estamos aqui e qual a correta postura diante da vida. Chegamos à proclamação do fim das antigas doutrinas e teologias, mitos e superstições. O fim do budismo, do niilismo, do esperar e do reclamar. Uma nova compreensão do que é a existência: pura alegria.

MURILO

A existência é pura alegria e depois da morte há somente dissolução. Só aqui podemos encontrar o sentido da vida, que não está lá (aponta para a lá fora da janela), mas aqui. Por isso, sê forte homem, para que suportes mais alegria (sorri plenamente). Há um deus em viver como um cão? Não! Não há! Usufrii, degusta, tudo de senso e raptura.

Mostra cigarro queimando na mão de Raul.

Os outros (que estão ali como alunos) estão parados ouvindo atentamente. Raul fuma o cigarro.

MURILO

Existir é ter vontades e realizar suas vontades. A verdadeira fórmula mágica que chega a uma verdadeira resposta é: faze o que tu queres, há de ser tudo da lei. Tu (aponta para Paulo, que aparece um pouco amedrontado) não tem direito a não ser fazer a tua Vontade. Faze isto e nenhum outro dirá não!

Silêncio dos alunos.

MURILO

Eu mesmo traduzi do inglês. Mantive onze palavras como no original, a mando de meu superior: do what thou wilt, shall be the hole of the law. Que seria algo como fazer o que tu queres, deve ser o todo da lei.

Olha ao redor.



## PONTO DE VISTA DE MURILO

Pupilos estão olhando para ele. Raul apaga um cigarro. Paulo tem as mão sobre as pernas. Finório coça o queixo. Todos menos Raul tem os olhos arregalados.

MURILO (mais veemente)

Fazer o que tu queres deve ser o todo da lei, ou da busca.

RAUL

Sim, da busca, da busca eu entendo melhor. Lei, nós já estamos anos à frente do anarquismo para saber que a autoridade tem que ser construída de uma forma coletiva.

MURILO

Sim, Raul. Autoridade. Essa é uma outra discussão, mais para a frente. Mas o uso da palavra lei não é à toa. Não se esquece que estamos tratando da discussão do sagrado. Do sagrado na VIDA. Não do sagrado de outro mundo, de outro plano, mas do sagrado na vida, da correta postura diante da vida. Então qualquer coisa que não seja correta é profana. (saboreia) Condene o Profano.

Raul, Paulo, Finório e Lohan fazem cara de desentendimento. Eduardo sorri.

MURILO

Mas (esticando os braços) aí está a própria beleza desta doutrina que aqui discutimos. A palavra da lei é Vontade, portanto, faze o que tu queres, há de

ser tudo da lei. PAUSA. E assim conjugamos o sagrado, a alegria de existir, a solenidade diante da vida com a vontade humana. Não existe outra lei se não faze o que tu queres.

Todos se agitam. Raul acende outro cigarro, se levantando. Paulo enche de água um copo, se levantando.

MURILO (Sorrindo)

Quem sou eu para impedir vocês de levantarem, e dispersarem minha aula? ...PAUSA... (gritando a plenos pulmões) SEEEEEENTEM-SE!!!

Todos se sentam, meio corados.

MURILO

Aqui eu sou a autoridade. Até que me certifique do nível que vocês chegaram intelectual e espiritualmente, eu sou o mentor e faço as regras. Rigor e disciplina não estão em contradição com a Lei. Por que faze o que tu queres, não é faze o que quiseses (faz gesto de negação com os dedos, bem agitadamente). Faze o que tu queres, constitui a mais rigorosa liberdade (aponta para o chão).

Murilo se levanta da cadeira caminha perto da mesa e repentinamente bate com a régua na mesa. Em seguida:

MURILO

Estamos querendo aqui divulgar nossa doutrina. Acabar de uma vez por todas com o ranço de qualquer culpa. Ah sim, culpa. (sorri)

MURILO

Esta é OUTRA discussão. A doutrina da queda.

Bate com a régua na mesa.

MURILO

Chega um determinado momento da vida que o homem passa por algumas coisas, certos enfrentamentos e por não entender muito bem a LEI DO FORTE tem a tendência de acreditar na doutrina da queda. O homem não caiu de lugar algum!!! (abre as duas mãos e sorri). Foi o homem que tentou subir. Mas isso não significa que não exista o erro. Pecado é normalmente entendido no sentido de inferioridade da humanidade diante do Deus, todo poderoso e redentor, mas isso não é verdade. O homem não caiu. Mas você poderia usar a palavra pecado para designar como uma pessoa conduz a sua vida, o desperdício com o qual ela lida com o mundo, a fraqueza interna de propósito, os erros com os entes queridos. O desperdício de vontade e iniciativa este é o verdadeiro pecado.

Silêncio dos alunos. Apresentam expressão pensativa.

MURILO

Todos os seres são caminhos da manifestação de deus, então no fim todos são iguais. Mas é como se estivessem em estágios diferentes. De nada adianta saber a verdade, o que importa é ser a verdade. Algo esta sempre tentando reproduzir a si mesmo, esse algo quer sempre fecundar outro algo.

RAUL

Então ninguém sabe quem se é!

Marcelo quase sorri em silêncio. Paulo se levanta e se retira ao banheiro.

FINÓRIO

Fale mais sobre o Deus Falcão.

MURILO

Sucesso é tua prova.

Murilo abaixa o queixo e fecha o corpo, levando as mãos juntas ao ventre. Depois levanta a cabeça de novo.

MURILO

Sucesso é tua prova, no sentido de comprovação. Isso é a redução máxima do Deus Falcão.

Murilo sorri. Procura nas papeladas. Tosse como quem vai discursar limpando a garganta.

MURILO

Este lirismo que se segue fui eu que escrevi. Um poema sobre a metafísica e sua relação com o mundo manifesto.

MURILO (tosse de novo)

POIS É ASSIM QUE PENSA O HOMEM-DEUS-FALCÃO: Eu sou o tijolo de baixo da catedral, se eu caio, a Catedral toda cai junta. Os homens de óculos escuros e jaqueta preta se divertindo na forma manifestada (ALGUNS SEGUNDOS DE IMAGEM DESTES HOMENS), comendo transando,

andando de moto, enquanto eu abstrato, lentamente nascendo, outros como eu santos perdidos na base de tudo. Esses homens manifestos jaqueta me ensinam a voar e eu vos dou a existência. Eu sou a parede e eles são os azulejos (IMAGENS DE UMA PAREDE COM AZULEJOS). A Catedral o nosso edifício sagrado, alvo de meteoros e galáxias, mas é no trabalho da formiguinha que nós desviamos nosso planeta da rota de colisão onde os segredos da abstração se aproximam e com o fogo furioso da escuridão branca ou da brancura escura destroem nossa manifestação. O Senhor Aleister Crowley de luvas roxas como um pássaro imponente (mostra homem-pássaro todo vestido de roxo abrindo bico) disse que "há divisão daqui até o lar" e com isso estimulou que voássemos. Mas entendam, como potencial, TODO O LAR, digo o lar inteiro, está por aqui em algum lugar, esperando que usemos as chaves para libertá-lo. PAUSA. A enorme catedral.

RAUL

Pois então vamos achá-la!!

Todos olham para Raul com expressão incrédula e riem. Raul sorri satisfeito achando que eles concordam em procurar a catedral mágica.

MURILO

Adotar a benção do Deus-Falcão é assumir que entende a filosofia do Livro da Lei e nada temer. Nada temer, qualquer benção virá dele e nenhuma maldição virá que não de sua própria falha, homem! É o fim das maldições e das feitiçarias. Nós divulgaremos aos poucos por meio desta ordem o início de uma Nova Era da liberdade. Vamos aos poucos porque sabemos que as instituições como são neste ponto histórico ainda veem a

doutrina da queda e da reencarnação como verdadeiras...

EDUARDO

Murilo, você me prometeu me dar sua versão sobre a reencarnação.

MURILO

Meu pupilo, não se precipite. Os nossos alunos convidados ainda podem estar achando que somos satanistas. Discutir reencarnação está fora dos propósitos desta ordem. Não importa se você ainda tem muitas mortes para morrer, nós queremos ajudar este mundo aqui e agora, recriando a noção de liberdade.

MURILO

Como eu ia dizendo, vamos divulgar aos poucos, mas precisamos chegar às massas. Não há outra vertente de praticantes do livro da Lei no país então cabe a nós fazermos o melhor possível enquanto estamos vivos. Para isso, nosso querido aluno Raul será nosso meio de comunicação com as massas.

Os outros olham para Raul e este sorri.

MURILO

Com seu incrível senso crítico e de humor, eu, ele e Paulo, nós já estamos escrevendo algumas letras e com o sucesso à sua porta, poderemos ter certeza de que nossa mensagem se espalhará.

Olha para Raul.

MURILO

Tu vais ler LIBER OZ em seu show, pois temos que defender os direitos fundamentais do homem. Temos que lutar contra todos aqueles que quiserem derrubar os direitos fundamentais do homem.

Paulo se levanta e polidamente fala.

PAULO

Eu gostaria de abrir espaço na minha coluna no jornal também para nossa divulgação.

MURILO

Você tem certeza?

Câmera em travelling se afasta pela janela, mostrando casa pelo lado de fora.

Cena 11 Casa de Murilo - pátio EXT./Noite

Todos estão vestidos com robes mágicos reunidos em círculo. Apenas Murilo está em pé e os outros estão de cócoras. Murilo segura uma pomba. Um saco no chão se mexe. Murilo solta a pomba no ar realizando gestos amplos com os braços e a pomba voa. Depois começa a recitar Hino a Pã.

MURILO

Vibra com a luxúria ágil da luz, Ó homem! MEU homem!

Venha surgindo da noite de Pan!

Io, Pan!!! Io, Pan!!!

Vem por sobre o mar

Da Sicília e da Arcádia

Perambulando como Baco com faunos e  
leopardos

Na escolta de ninfos e sátiros,

Em um burro branco como leite, vem  
por sobre o mar à mim!

A mim!

Venha com Apollo em vestido de noiva

e

Venha com Ártemis calçada de seda,

Ao luar do bosque, na montanha de  
mármore, esfrega a tua coxa branca,  
Deus lindo, na manhã cavada da nascente  
âmbar,

Mergulha o roxo da apaixonada reza no  
santuário carmesim,

E que tu sejas a cilada escarlata,

e que a alma se assuste e brilhe em  
olhos de tristeza

ao assistir tua devassidão

chorando através do bosque  
emaranhado,

aquele tronco retorcido da árvore  
vivente

que aqui é o espírito e a alma



e corpo e cérebro - vem por sobre o  
mar

Ò, Pan! Io Pan!

Deus ou demônio: a mim!

A mim!

Meu homem, meu homem...

Venha com trombetas soando agudas  
por sobre as montanhas!

Venha com tambores a rufar baixinho  
vindos da primavera!

Venha com a flauta e com a traqueia  
Não estou eu maduro?

Eu, que espero e me torço e combato  
com ar que não tem galhos para se  
aninhar

meu corpo,

fustigado pelo abraço vazio, cansado  
com o abraço vazio

Forte como um leão, e afiado como uma  
adaga

venha! Venha!

Estou torpe com a libido do demônio  
apenas.

Perfura com a espada os grilhões das  
escoriações

Tu que a tudo devora e a tudo cria

Dê-me o sigilo do Olho Aberto

e o totem ereto da coxa chifruda

... e a Palavra de loucura e mistério

Ò Pan! Io Pan!

Io Pan! Io Pan!

Pan!

Pan!

Pan!

Pan!

eu sou um homem

faze o que tu queres, como um grande  
deus pode,

Ò Pan! Io Pan!

Io Pan !!!

Io Pan, estou desperto!

Na compreensão da mão da serpente!

A águia rasga com bico e garra

Os deuses se retiraram.

As grandes feras vêm, Io Pan!

Eu nasci para a morte no chifre do  
unicórnio

Eu sou Pan! Io Pan! Io Pan!

Io Pan !

Pan!!

Eu sou teu amante, eu sou teu homem,

Cabra do teu rebanho, eu sou ouro,

eu sou deus,

Carne do teu osso, flor do teu tronco

Com patas do teu metal eu corro nas  
rochas

do solstício obstinado ao equinócio

e eu deliro; e eu estupro, e eu  
arranco e rasgo

perpétuo mundo sem fim,

Humanidade, virgem e cortesã bacante,

o Homem

No poder de Pan.

Io Pan!

Pan!

Pan!!

Pan!!!

Io Pan!

Murilo abre o saco e cobras saem em  
várias direções.

Cena 12 Casa de Murilo INT./Noite

Mostra membros da organização dormindo,  
menos Murilo em posição de Lótus em  
meditação.

Cena 13 Pátio da casa de Murilo EXT./  
Manhã

Todos se despedem com abraços e apertos  
de mão. Ficam Eduardo e Murilo. Os  
outros se dirigem ao carro de Raul e

acenam do carro. Descem a ladeira enquanto os outros os vêem partir.

MURILO (levando uma mão à outra, esfregando-as)

Vamos ao estudo de verdade.

EDUARDO

Você acha que estamos fazendo certo?  
E se as pessoas não estiverem preparadas?

MURILO

Elas sempre estão.

Entram em casa e fecham a porta.

Cena 14 Show de Raul INT./Noite

Raul está no palco de calça jeans azul e bota preta, blusa branca de camisa longa e colete preto e tem a alça da guitarra no ombro. Vem caminhando pelo palco desenrolando um papel em formato de pergaminho. Desenrola um fio da guitarra que ficou preso em sua perna.

RAUL

A lei do forte: esta é a nossa lei e a alegria do mundo. Faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei.

Papel se dobra impedindo leitura. Raul reconstitui a posição.

RAUL

Tu não tens direito senão fazer a tua vontade. Faze isto, e nenhum outro te dirá não.

RAUL

Todo homem e toda mulher é uma estrela. Todo número é infinito.

RAUL

Não existe Deus senão o próprio homem.

RAUL

O Homem tem o direito de viver pela sua própria lei; de viver da maneira QUE ELE QUER viver; de trabalhar como e quando quiser; de brincar! De brincar como quiser!

RAUL

O Homem tem o direito de comer o que quiser; de beber o que quiser; de morar onde quiser; de se mover como quiser sobre a face do planeta, porque o planeta é dele!!!

RAUL

O Homem tem o direito de pensar o que quiser; de falar o que quiser; de escrever o que quiser; desenhar, pintar, lavrar, estampar, moldar, construir como quiser;

RAUL

De se vestir como quiser

RAUL

O homem tem o direito de se contradizer como e quantas vezes quiser;

RAUL

O homem tem o direito de morrer!!! De morrer quando e como quiser, de beleza, de punhal ou cortando os pulso, afinal, a vida é a única coisa que a gente tem, a gente pode fazer o que quiser com ela.

RAUL

O Homem tem o direito de amar como quiser; "tomai vossa sede de amor como quiserdes".

RAUL

O Homem tem o direito de matar todos aqueles que aqui quereriam contrariar estes direitos.

RAUL (aponta o dedo para a plateia)

Os escravos servirão! Amor é a lei, mas amor sob vontade.

Oferece o pergaminho para alguém no palco que se retira.

RAUL

Vamos agora fazer aquela coisa de bater o pé, de criança mal-criada.

Começa batendo o pé no palco. Aponta para o céu e depois toca a guitarra.

RAUL

Viva! Viva! Viva sociedade  
alternativa! Viva o número um!!!

Cena 15 Rádio de Joaçaba INT./Dia

MONTAGEM

A) Imagens de uma cidade do interior.

INTERLOCUTOR

Raul, quem você destaca na música jovem?

RAUL

Música jovem..ahn. deixa eu ver, música, olha, a arte é o espelho social de uma época. Certo? é o espelho social de uma época. O que um cantor faz ele reflete o momento social que ele tá vivendo. Se é um momento de plim, se é um momento de plam, ele tá plim, certo, se outro tá plam, ele plam, você tá entendendo. Ele projeta aquele momento, então tudo que ele vomita, não é vomita no sentido... é vomitá bonito, vomitá surrealista, bem daliniano, aquele vomitá KA-BLÁ!! Essa coisa que ele fala ele projeta o momento social de uma época. Então sei lá... eu acho que todo mundo está vivendo numa época que todo mundo é importante.

Mostra Raul dentro da Rádio sendo entrevistado.

Não vou citar nomes, todo mundo que está tocando no rádio é importante porque cada um tá espelhando uma época e tá dizendo o que tá vivendo para determinado grupo de pessoas que tão aceitando aquilo que ele tá dizendo se

não ele não estaria ali. Não tem meio termo, ou sim ou não. Sucesso é sua prova.

#### Cena 16 Palco de Teatro INT./Noite

Dinho está na cadeira que está virada para o lado direito do palco, com ângulo de câmera mais próximo. No seu colo está o urso de pelúcia.

#### DINHO

A música faz as costas arrepiarem. Purificação é algo absoluto, mas tão relativo, mas vamos lá. O palco e a música ao levar felicidade para os outros é incrivelmente poderoso para atrair bons fluidos para alguém. Incrível essa digamos injustiça. Apresentar uma música naturalmente purifica outra pessoa e por isso você então é abençoado, simplesmente por tocar o meio. Aí você vê como as coisas são injustas porque quem toca o meio se dá melhor, não por grandeza idealista, mas por simplesmente usar o meio. Aqueles que procuram a música antes de mais nada procuram a sua própria proteção das ondas rebeldes. Toque para ser salvo.

#### Cena 17 Casa de Paulo INT./Noite

Paulo liga a TV, e ela mostra rabiscos. Desliga a TV. Vai ao quarto e Tablita está dormindo. Vai à janela e vê lá fora, e fica olhando a paisagem. De repente mostra uma preocupação alarmente, inesperada. Se vira rapidamente e não pára de se virar (surrealismo), está suando. Corre a cozinha e apanha uma faca. Quando chega na sala tudo está escuro. Ele se esconde atrás de uma pilastra, depois caminha em direção à sala. Nessa hora, é possível ver uma sombra com chifres saindo às suas costas pela cozinha. Tablita entra correndo na sala ligando a luz, e gritando. Ela passa por ele e vai à cozinha. Paulo tenta impedir\reagir mas não consegue. Passados dois segundos



vai atrás dela na cozinha. Ela está sentada no chão chorando. Ele se agacha, larga a faca e abraça ela. Vão para o quarto e com a bíblia rezam o Pai Nosso ajoelhados na beirada da cama. Dormem e se vê a luz do dia nascer. A campainha toca. Paulo se levanta e vai atender. Abre a porta. Dois policiais estão parados na porta.

POLICIAL

Senhor Paulo, você está sendo  
intimado a depor.

Paulo faz cara de dor.

Cena 18 casa de Murilo INT./Dia

MURILO

Acho que você não entendeu. Thelema é a  
lei do forte. Não podes simplesmente  
temer, esperar que o céu te salve.

Paulo faz cara feia.

PAULO

Murilo, eu estou mesmo me desligando.

MURILO

Só não vai espalhar por aí que o  
demônio visitou sua casa.

Paulo continua impassível.

Cena 19 Casa de Eduardo INT./Dia

Estão sentados na mesa Murilo, Eduardo e Raul.

RAUL

Deixa ver se eu entendi. Uma cidade onde o carteiro, não seja carteiro, onde o policial não seja policial, uma cidade onde cada um pode fazer o que quiser, e todos vivem para gerar subsistência para todos. (olha para Eduardo) e você vai oferecer o terreno no interior do Estado?

EDUARDO

Sim.

MURILO

E você vai ser o chamariz. Nós vamos te dar esse terreno. E você vai reunir pessoas interessadas em criar a (abre um braço para cada lado e estende os dedos) Cidade das Estrelas, em homenagem à nossa ordem a Estrela Prateada.

Cena 20 Estacionamento - Perto do Carro de Raul Ext./Dia

Raul vem andando, está bem elegante, de terno azul marinho e óculos escuro, em direção ao carro. Há uma grade ao fundo onde se veem fãs não muito histéricos., apenas sorridentes. Um repórter se aproxima berrando, enquanto Raul abre a porta.

REPÓRTER

Ô companheiro não pense que vai fugir assim. Você é agora o maior astro do país.

Raul levanta a cabeça ainda com a porta aberta do carro.

REPÓRTER

Raul, estamos ao vivo. O que você tem a dizer para o povo de todo o país?

RAUL

Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei. (risos)

REPÓRTER

O que você achou de Joaçaba?

RAUL

Achei lindo. Acho muito bonito. Inclusive, é uma coisa muita própria de todo estado do Brasil, uma certa reação igual, é uma reação muito boa, quer dizer uma reação negativa positiva não existe, hoje em dia não existe mais distinção entre materialismo e espiritualismo, assim como não existe uma reação negativa positiva. Toda reação é uma reação. Tem motivo, eles reagem... ao meu show, você tá entendendo?. Quando eu falo uma coisa, eles reagem, há uma reação. Há uma coisa que eles podem me ferir, e eu firo eles, você entendeu? Porque é uma coisa de gente, quando a gente quer ser muito amigo, a gente tem que ser inimigo, para sermos belos amigos, a gente tem que ser belos inimigos. Porque nós somos únicos, sabe. Deus não fez nada igual. Amor e ódio é tudo a mesma coisa. (risos) É só uma questão de fatalidade. (risos)

REPÓRTER

Raul, qual a sua sensação depois do show?

RAUL

Eu vou dormir muito tranquilo. Vou dormir muito tranquilo. O show foi ótimo. Faze o Que tu Queres, há de ser tudo da lei, ok?

REPÓRTER

Um abraço para você Raul

RAUL

Um abraço pra você também.

Cena 21 Casa da mãe de Raul. INT./Noite.

Raul entra na casa de sua mãe, dona Livia, ensanguentado. Ela está sentada no sofá, vendo TV.

DONA LÍVIA

Meus deus! Meu filho! O que aconteceu?

RAUL

Mãe, eu to vindo tomar um banho e eu não sei quando vai ser a próxima vez que você vai me ver. Tem dois policiais na porta e eu vou ter de deixar o país.

Dona Livia vai ao encontro de Raul e o abraça. Mostra Dona Livia dando banho em Raul na banheira.

Cena 22 EUA - Casa de Raul INT./Dia

Telefone toca. Raul atende.

RAUL

Alô?

FLORIANO

Raul!!! Você vai voltar! Eles querem  
você!!! O seu disco ganhou disco de  
ouro!

Cena 23 Aeroporto INT./Dia

Raul desembarca, está vestido de jaqueta de lã marrom e óculos escuros, e leva mala de rodinhas. Está acompanhado de Vânia. Mostra Eduardo e Murilo num canto. Murilo com sua cara fechada e Eduardo com sua expressão solícita. Raul não os vê. Eduardo vem correndo em sua direção. Cutuca seu ombro.

EDUARDO

Ô CHEFIA!

RAUL

Chefe é tu! Saudade dos teus  
ensinamentos!

Eduardo e Vânia se cumprimentam.

EDUARDO

O Brasil, e o mundo!, sentiram sua  
falta. Há muita coisa para fazer.

RAUL

AH, MAS TU Não pensa que eu não andei fazendo umas coisas boas por lá não. Tu não imagina quem eu encontrei no USA! John Lennon!

EDUARDO

Não! Isso é mentira!

Raul sorri satisfeito.

RAUL

Vânia, confirma para ele!!

Vânia apenas sorri.

MURILO (se aproximando por trás)

O que eu acho incrível é só nós estarmos aqui para te receber. Cadê? A família? Cadê os fãs?

Raul se vira e ri esganiçado.

RAUL

ô meu mestre, não tá bom assim não? Só nós?

Raul tira um cigarro, pega o isqueiro e acende.

Cena 24 Saída do aeroporto EXT./Dia

Murilo se despede formalmente dos outros dois e entra num táxi. Eduardo se vira para Raul e fala:

EDUARDO

Murilo está estranho.

RAUL

Não percebi. Deve ser o tempo que fiquei fora. Ele sem dúvida ainda tem muito a nos ensinar.

Cena 25 - Casa de Eduardo EXT/Dia

Campainha toca e Eduardo vai atender. Olha pelo ponto de vista do olho mágico.

PONTO DE VISTA DE EDUARDO

Murilo está na porta, vestido com seu sobretudo, com uma das mãos apoiadas na porta. Aproxima-se do olho mágico.

MURILO

Abre logo essa merda para eu poder te banir de uma vez.

VOLTA À CENA

Eduardo coloca a mão na barriga, abre a porta e se afasta para dentro. Murilo entra na casa.

MURILO

Você está louco? Mandar inscrever a Sociedade Novo Aeon em Diário Oficial sem a minha permissão? Cadê esse estatuto de merda? Me dá isso aqui.

Eduardo pega papéis em cima de uma estante, dá para Murilo e se senta, com uma mão na cabeça. Murilo lê os papéis, passando as folhas.

MURILO

Até que estão ok, mas você está banido da Ordo Templi Orientis.

EDUARDO

O quê?

Cena 26 Casa de Eduardo INT./Noite

Eduardo febril de cama, sua mulher vem trocar o pano da sua testa. Ele beija sua mão

Cena 27 Quarto de Murilo INT./Noite

Murilo se levanta com insônia, vai á janela, apanha a régua e vê um homem caminhando lá fora. No meio de seu pensamento, o homem o olha e toma um susto.

MURILO OFF

Quem eu sou? acho que assumi a maldição de ser toda a neurose já sentida ou pensada. Quem eu sou? minha voz é naturalmente encantadora e eu não pretendo falar cheio de saber achando que eu detenho o conhecimento, eu detesto esse tom, mas por que eu havia de ter me perdido??? Por que eu que era a manifestação sagrada havia de ter me perdido e perdido a consciência da continuidade que está contida na morte. Com tanta dor ao meu redor eu caí, e sofri um golpe nas cordas vocais e na musculatura da face e as vezes caí na tentação de falar cheio de saber, como que explicando uma coisa, mas quem fala assim está explicando para si



mesmo, (PAUSA) está fazendo o corpo se acostumar, mas a mim fui impedido pela dor de me explicar a mim mesmo.

Senta-se na mesa e abre uma caixa onde retira baralho de tarô.

MURILO conversando com a Câmera

Descobri o segredo, mas não posso botá-lo em prática. Por que eu fui amaldiçoado com este mínimo grau; reverte maldição, reverte agora não posso mais ser a salvação do MEU mundo que nasci para ser, agora preciso encontrar outra coisa para fazer. Minha voz era de um deus, mas agora eu espero me recuperar. Eu tinha a voz que ensina os outros corpos através da agitação ou através do sono quem eles realmente eram, pela beleza que eu os fazia lembrar, mas quem sabe não recupero minha voz?

MURILO conversando com a câmera

Cada um tem direito a formular a própria salvação, mas pode formular errado. Até hoje eu não fiz nada para me salvar de pirraça, preciso inventar minha própria salvação. Ou eu quis pensar esse eu que não quer ser salvo ou eu acabei comendo ele, preciso de um trabalho de salvação. Preciso usar um meio. O Louco (mostra carta do Louco) é aquele que propõe a sua forma, mas para sobreviver até lá, vai usando um meio. No fundo é isso eu tenho ressentimento das pessoas se salvarem tão facilmente e eu ter desenvolvido a mente que tem ressentimento ( AQUI já está nu e começa a se masturbar no sofá).

MURILO -OFF

Se você é como eu, nunca pegou nos meios, vamos então mudar isso. Tudo isso

acontece por que nós somos originais e eles têm medo da gente e não nos deixam chegar aos meios, por que isso vai gerar inveja neles. Nesse sentido inevitavelmente machucaremos eles, mas se não fizermos isso eles estão nos machucando. Por que no fim das contas somos apenas um caminho para Deus chegar e todos os caminhos precisam vir a ser manifestos. Não importa como.

Cena 28 Pátio da casa de Murilo INT./Noite.

Murilo enlouquecido. Vestido de robe, com pentagrama.

MURILO

Eu vejo o vermelho vinho. PAUSA. Arranquei meu terceiro dedinho do pé esquerdo. Os dois segundos dedinhos (o da esquerda para direita e o da direita para esquerda) observaram. Os dois primeiros dedinhos, o primeiro da esquerda para a direita e o primeiro da direita para a esquerda, também. E agradeceram a Deus por não serem decepados. O importante é que só havia um terceiro dedinho, não importava se você contasse da esquerda para direita ou da direita para a esquerda.

MURILO

Eu vou falar a minha verdade. Porque eu tenho uma verdade. Eu cruzei, estou cruzando o Abismo. Eu não sabia, mas já tinha jurado tentar. Vocês sabem o que é o abismo? Eu já estou ameaçado de morte. Não sabia, mas já fora tocado. Agora não há reza nem nada que possa ser feito. É o mundo apenas da Vontade. Mas nem todos os homens chegaram até aqui ainda. Pois como qualquer mortal eu só posso falar dos homens que conheço. Quando você cruza o abismo, o seu ser se revela, se

torna. Você se torna você. A partir daqui pode haver qualquer verdade dentro de você, que ela não vai importar de nada. Ao cruzar o abismo, uma verdade se formula dentro de você, e ela é real no mesmo sentido que a matéria é real. As verdades, são reais. O seu ser é irrepetível. O eu não é condicional. O ambiente externo sim. É nesse revelar que você vê de cima da montanha as trevas e pode avançar, certo da indivisibilidade interna e do seu tamanho, muitas vezes pequenino, como um dedinho do pé.

#### MURILO

Pode haver qualquer verdade dentro de você, pois o universo e o teu teste já foram feitos. Esta é a verdade que há dentro de você. Não se deve chamar teste na verdade. O seu ser já tá dentro de você em potencial. E é aquilo que você é. Não existe existência condicional. Tudo é absoluto. Nada se dissolve. Por que Deus não cria nada igual. Ele apenas te avisa quando você entrou na escuridão estreita. Ele te diz o teu tamanho, a tua dor, e quantas mortes há dentro de você. Entrar no abismo é saber que o seu ser já surgiu, e com ele a sua verdade, que é uma espécie de essência, mas que depende de você viver o suficiente para ela se tornar ela. Dentro de você existe um conteúdo único e irrepetível. Um degradê de morte e um degradê de ser. Alguns seres SÃO mais seres do que outros. MOSTRA BIBLIOTECA E JANELAS DA CASA. Alguns são mais sombras do que outros. É um prazer inenarrável SABER da única verdade do Universo, multiversos, tanto faz (faz sinal de O.K. com os dedos): E é outro prazer inenarrável saber da verdade da vida, que é o Deus Falcão. Confiança plena, rigor contínuo, vigor. Estas são de nós. Aquela verdade maldita vai se tornar corpo, e as vezes, atividade mental. Espreitei! Retirai-vos! Sobre eles! Esta é a lei da batalha

de conquista!! Sê pronto a golpear ou a fugir.

Cena 29 Catedral EXT./Noite

Por cima da imagem de uma catedral, legenda em cor azul que aparece diz: "10 anos se passam. Murilo se torna violento e irascível".

Cena 30 Casa de Murilo INT./Noite

Toda a parafernália ritualística. Um altar com a peça em madeira do Deus falcão, velas, um círculo mágico no chão, Murilo vestido com o robe mágico, e portando uma varinha. Está apoiado na mesa arfando e suando, com o gorro do robe abaixado. Aproxima-se de um aparelho de som e libera uma música instrumental. Aproxima-se de um gravador e dá play. Entra no círculo pintado no chão.

MURILO (BAIXINHO, gaguejando) -

Io Pan, estou desperto!

A compreensão da mão da serpente!

A águia rasga com bico e garra

Os deuses se retiraram.

As grandes feras vêm, Io Pan!

Eu nasci para a morte no chifre do unicórnio

Eu sou Pan! Io Pan! Io...

Murilo arfa e sua ainda mais. Sai do círculo e desliga o som. Retira o robe, ficando só de cueca. Volta e derruba a mesa, derruba aparelho de som e derruba vela, fazendo uma parte da casa pegar fogo. Ele olha impávido para o fogo e depois sorri. Mostrando Murilo no fundo de quadro, enquanto o fogo aumenta, um garoto, vestido de vermelho, caminha pelo apartamento e

toca na mão de Murilo. Murilo se vira, e olha profundamente. Fazem alguns gestos e depois, de mãos dadas atravessam a sala.

#### MURILO OFF

Ele me diz que aconteceu uma tragédia com ele. Uma tragédia muito parecida com uma outra que eu conhecia que tinha acontecido com alguém que eu conhecia, mas eu não lembro quem. Eu caminho com ele, as coisas ficam cinzas e transparentes (mostra um corredor desfazendo) Ele diz: vou te mostrar como aconteceu. E caminhamos unidos.

Cena 31 Beco do rato, LAPA - Sinuca tico e taco. EXT./Noite

Fantasma (Duplo) de Denis e Murilo aparecem no fundo de quadro. Depois ação acompanha Denis. Denis vem caminhando pela rua, encontra a galera, cumprimenta. Todos entram na sinuca. Denis leva mais tempo, olhando ao redor, mas entra na sinuca, onde está rolando um show de uma banda de jovens. Fica vidrado na vocalista, que tem uma performance muito rock and roll e extremamente sensual. Assiste à todo o show e sai, esfregando as mãos. Vai ao bar da esquina, em estado frenético. Pede cerveja e bebe rapidamente e sem parar. Larga sem terminar e volta à sinuca. Vê o guitarrista da banda e se aproxima com cautela. Cumprimenta-o, se apresentando.

#### DENIS

FOI MUITO BOM O SHOW CARA!!! HÁ QUANTO TEMPO QUE VOCÊS ESTÃO TOCANDO?

#### CARLOS

TEM TRÊS ANOS DE BANDA, MAS ESSA É A PRIMEIRA TEMPORADA PARA VALER.

#### DENIS

Pô, muito bom.

Carlos sorri contrariado, mas depois relaxa e fala.

CARLOS

O IMPORTANTE É QUE A GENTE MISTURA ROCK  
AND ROLL COM OUTRAS COISAS.

DENIS

Sim, com certeza...

Câmera se afasta.

CENA 32 Beco do rato, LAPA EXT./Noite

Lenora está sentada num balanço e Denis a se aproxima e se  
senta em outro balanço.

DENIS

OI. QUE SHOWZAÇO!!! VOCÊ CANTA MUITO  
BEM!! QUER DIZER, A BANDA TODA É ÓTIMA.

LENORA

OBRIGADO. Sim, sim a banda é muito  
boa, os meninos mandam ver.

DENIS

DENIS, PRAZER.

LENORA

LENORA, O PRAZER É TODO MEU.

Denis começa a se balançar.

DENIS

Há quanto tempo vocês tem a banda?

LENORA

Há uns dois anos, três, sei lá.

DENIS

Mas o que eu mais gostei FOI você cantando, muito bonita, foi lindo...

Carlos vem se aproximando.

LENORA

Obrigado.

Carlos chega perto se encosta na estrutura do balanço, sorri e dá uma cerveja para Lenora.

LENORA

Obrigado.

DENIS

TAVA FALANDO COM ela como ela canta bem!!

CARLOS

Ela manda muito bem.

Silêncio, Pausa.

DENIS

Vou ali falar com o pessoal e já  
volto.

CENA 33 Show do Misto Quente

MONTAGEM

A) Em três shows diferentes, mostra Denis na plateia da banda.

CENA 34 Casa de João INT./Noite

Denis está na casa de João e passa mal num canto, muitas pessoas passeiam pela garagem da casa, quando resolve ir para o quarto, ficar dormindo e acordando. Escurece. Denis acorda, passando mal, tonto e triste, vai até a bacia de cerveja e procura, mas não acha (alguma coisa). Se senta passando mal. Quando ele olha para direita vê um bando de pessoas saindo da casa animadas, fantasiadas, o último é Figueiroa que o olha, parado na porta.

FIGUEIROA

Cara, a gente tá indo nessa. Vamo lá  
para baixo.

Denis sorri amarelo. Figueiroa ri constrangido. Denis acena um ok, e Figueiroa sai.

DENIS



CARA! Você sabe onde tem água aqui embaixo.

Por um instante ninguém abre a porta, mas Figueiroa volta e aparece sua cabeça.

FIGUEIROA

Pede para a mãe do João.

DENIS

Tá ... (um gemido)

Procura de novo na bacia de cerveja, de forma mais eficiente, violenta e encontra uma água. Bebe avidamente. Acorda na manhã seguinte, no chão da garagem, sob sol forte, encostado em um travesseiro. Caminha pela casa e vê muitas pessoas largadas, em sofás, no espaço da garagem, e nos quartos. Chega na cozinha. Vê o pão e come sem passar nada. Se senta e coloca a mão na cabeça.

Cena 35 Descida de Santa Teresa EXT./Dia

Sob sol forte, um take de Denis descendo ruas cheias de gente fantasiadas no carnaval.

Pára para almoçar, no Gomes.

CENA 36 MAM - bloco de carnaval EXT./Fim de Tarde

Denis vem cantando e interagindo com o bloco que se movimenta do MAM até a Cinelândia, Na Cinelândia encontra outro bloco. Lá ele toma um susto, seu coração dispara e ele vê Lenora. Nem cinco minutos depois, após rodopio da câmera, tontura, Lenora surge ao seu lado. Ele se assusta, vê também Joana, amiga de Lenora. Ele está um pouco branco nessa hora (contraplano com Lenora de costas no primeiro plano e ele em segundo). Resolve

então beijá-la, com movimentos de múmia ou zumbi. Ela aceita e depois para. Deixando-o inseguro, mas já com o rosto vermelho.

LENORA

Aqui não, que ele não vai gostar.

Aponta um mar de gente. Denis fica confuso e irritado.

DENIS

Quem? Seu namorado?

LENORA

Não, ele (aponta de novo o mar de gente). Deixa prá lá. E ele não é meu namorado.

Lenora meio que o empurra para ficar levemente abaixado e andarem.

DENIS

Não to falando dele, to falando do  
...

LENORA

Ele também não é meu namorado.

Lenora começa a beijá-lo e a empurrá-lo para fora da multidão. Eles vão aos tropeços se beijando, rindo, cotoveladas aqui e acolá, até que saem do mar de gente. Ela dá a mão para ele e o leva para longe.

LENORA

Vamos ficar com o pessoal.

Cena 37 Rio Branco EXT./Noite

Escravos da Mauá passeiam. Denis e Lenora, e um grupo de jovens, assistem, comemoram, caminham, brincam.

Cena 38 Rua da Casa de Lenora EXT.Noite

Lenora, Joana e Denis vêm subindo a rua.

DENIS

Mas aí a sua avó te falou para curtir os  
Escravos da Mauá; realmente cada tempo  
tem uma coisa que as pessoas consideram  
importante

LENORA

HAHAHA.

JOANA

HAHAHA

DENIS

Por que vocês riem de tudo que eu  
falo? Eu só falo coisas ácidas.

LENORA

NÃO, NÃO É ÁCIDO NÃO.

DENIS

É inteligente.

LENORA

É! É INTELIGENTE!

Denis ri alto uma única risada. Viram a esquina da casa delas.

LENORA

PRONTO. Serviço completo.

DENIS

AHH, JÁ?

LENORA

AHAHAHA.

DENIS

MENINAS ENTREGUES EM SEGURANÇA.

Denis leva a mão à testa em sinal militar de sentido.

LENORA

SIM. (sorrindo).

DENIS

QUAL É NÃO VAI FALAR QUAL É A SUA CASA?  
Como é que eu vou poder aparecer de  
supetão para te galantear?

LENORA

HAHAHA. TU É DOIDO.

DENIS

OU PIOR, COMO É QUE EU VOU PODER TE  
ESTALQUEAR? (faz gestos com as mãos)

Lenora apenas sorri.

JOANA

É, amiga, o que que tu foi arranjar.

LENORA

AH, mas ele tão fofinho. Deixa eu  
ficar com ele?! Deixa!!

Lenora passa a mão por sobre cabelo de Denis.

LENORA (olhando para Joana)

Tá vendo?

Denis ri constrangido.

LENORA

É AQUELA ALI, COM AS GRADES NA CURVA

Cena 39 quarto de Denis (quarto surrealista de aquarela)  
INT./Noite

Celular entra mensagem. Por um efeito "mágico" mensagem  
aparece em holograma no ar.

## MENSAGEM

Que bom que me procurou, denis denis! Eu tava doente também não pude sair duas semanas, mas vamos combinar para semana que vem. Bjs, Lê lei

Cena 40 Quarto de Lenora INT./Noite

Denis e Lenora deitados, abrindo e fechando os olhos, transam de uma forma bem terna, sem gestos viris, muitos beijos e carícias, antes, durante e depois. Cena em silêncio bem longa.

Cena 41 Bar de rua na Glória EXT./Noite

Denis, Lenora e Joana estão sentado em uma mesa na rua em frente ao boteco bebendo cerveja. Denis arregala os olhos quando Lenora começa a falar.

## JOANA

Eu achei uma merda. Aquele troço todo de protesto, realismo, o nome do governador, uma pretensão enorme, mas sem charme. Ficou forçado. Acho que ninguém está buscando mais obras bem acabadas, todo mundo só produz experiências, experimentos, mas só produz o horror.

## LENORA

Mas o horror é uma categoria de expressão.

Joana dá de ombros, pega um cigarro e acende.

LENORA

É, mas eu te entendo. Eles soltavam muitos conceitos e muitos peitinhos para lá e para cá, sem explicar, sem trabalhar. Tudo muito mal acabado.

DENIS

Eu concordo com a Joana, a gente tem que dar um norte para a arte, e a categoria do horror não é a minha. Eu quero retratar a ternura, o impossível, a superação. De horror o inferno tá cheio.

LENORA

Você acredita em inferno?

DENIS

E você acha que está aonde?

LENORA

HAHAHA! Você é muito bom! Eu me interessei por você pelo seu lado intelectual, pelo que você me instiga.

DENIS (meio constrangido)

que bom, amor.

LENORA

para Joana) Ih, olha lá, Joujou, ele tá me chamando de amor! Hahaha!

JOANA

Hahahaha! Intimidade é uma merda!

Denis sorri encabulado enquanto passa a mão na mão de Lenora.

Cena 42 Saída de um teatro EXT./Noite

Denis sai do teatro junto com outros espectadores (um de jaqueta, outro de cabelão, esteriótipo hippie para vários espectadores) e encontra Lenora sentada no chão fumando um cigarro. Passa por um cartaz de Raul Seixas.

DENIS

E aí ; tá tudo bem;

LENORA

Tá, eu fico bolada, vendo as cosias  
que ele fala.

DENIS

Mas são coisas boas, estimulantes.

LENORA(excitada, quase irritada)

É, mas é um tapa na cara que ele dá  
na nossa geração, toda alienada.

DENIS

Não é só alienada, é fragmentada. E  
POBRE.

LENORA

Então, alienada. DUUUURRRRT

Denis se irrita levantando os ombros.



DENIS

Acho que você devia relaxar, aproveitar outras coisas. Assim você ia parar de ficar pensando no sucesso da banda o tempo todo. Ia até te ajudar a trabalhar melhor.

LENORA

Já disse que eu não gosto de falar sobre essas coisas com quem não é da banda.

DENIS

Eu sei, mas eu só to dizendo porque eu me preocupo com você. Se você tivesse com a vida pessoal bem resolvida, talvez você fosse com mais gás para a banda.

LENORA (IRRITADA)

não vem falar da minha vida pessoal não, denis denis!!

Denis tira um cigarro e acende.

Cena 43 Casa de Lenora INT./Noite

Denis e Lenora estão no quarto, na cama, vestidos. Lenora lê uma revista, passa as páginas.

LENORA

O que acha dessa?

DENIS

Prefiro a outra.

Lenora passa a página.

LENORA

E dessa?

DENIS

Você achou, amor. Achou nossa casa perfeita, onde a gente gostaria de morar.

LENORA

A gente você. Eu gosto da cidade.

DENIS

Mas como é que a gente ia ter espaço e tempo, e abertura para nossos projetos como é que a gente ia navegar?

Lenora dá de ombros e continua passando as páginas.

Cena 44 feira da Glória EXT./Dia

Lenora e Denis caminham pela feira da Glória, estão os dois de branco, ela de macacão. Comem tapioca, escolhem verduras, legumes e frutas. Cumprimentam conhecidos. No fim da cena, há uma quebra e Denis vê Lenora escrevendo no celular e faz cara feia. Se senta sobre escadaria da glória e larga compras no chão, saco abre e as compras rolam pela escadaria abaixo. Quando Lenora se aproxima por trás, vê o estado que Denis

está, faz cara de "tsctsc" e, balançando o pescoço, recolhe as coisas e coloca de novo no saco.

Está indo embora e Denis não se mexe. Lenora vira o pescoço e fala.

LENORA (com a voz firme, mas sem levantar o volume)

VAMOS.

Denis demora um segundo e, colocando as mãos nos joelhos, hesitante, se levanta e vão em direção à ladeira.

Cena 45 Casa de Lenora INT./Madrugada

Denis está fantasiado de super-herói de máscara, luva e capa em tons de roxo e cinza. Entra pela janela na casa, está segurando um urso de pelúcia. Caminha o corredor em direção ao quarto de Lenora. Entra lá e deixa urso ao lado de Lenora que dorme.

DENIS OFF

Quanto tempo vai ter se passado até eu não te amar mais? Quando que você vai perceber que já é tarde demais? Porque nunca estivemos no mesmo tempo? Porque não pudemos... ah, se pudéssemos...

Cena Quarto e Cama de Lenora INT./Amanhecer

Quarto de Lenora é de tamanho médio. No chão, dois colchões altos sobrepostos fazem a sua cama. Na janela uma fina colcha cobre a luz do sol. Denis e Lenora acordam de manhã. Lenora ameaça levantar e Denis a segura pela cintura, apenas com o braço direito. A traz de volta. Está choroso. Ela o olha surpreendido.

LENORA-

O que houve?

Denis não fala nada. Beija suas covinhas várias vezes, depois no maxilar. Lenora se afasta, ficando sentada na beirada da cama. Meio corcunda, leva as mãos ao rosto, e o esfrega.

LENORA -

Você só vai ficar bem quando eu disser sim, né.

LENORA (gritando, ficando vermelha, quase chorosa)

Eu te falei como ia ser!!! Eu falei a verdade!

Lenora sai do quarto batendo a porta.

Cena 46 Rua Joaquim Silva Lapa EXT./Noite

Lenora e Denis caminham de mãos dadas, e Joana vem atrás. Denis está muito feliz. Quando é avistado por um grupo de pessoas que acenam para ele. Ele vai em direção a eles, mas Lenora se dirige para o outro lado.

LENORA-

Lindo, eu vou indo.

DENIS -

Tá, tá bom. Te encontro daqui a pouco.

Denis se aproxima do grupo. E cumprimenta a galera.

TIAGO -

E AÍ, Como é que vai o Duna?

DENIS -

Vai bem, obrigado. Quer dizer, tá com uns probleminhas de sempre.

JÚLIA -

O que é Duna?

DENIS -

É meu curta.

JÚLIA -

É sobre o quê?

TIAGO -

huM, ESSA é a pergunta que você não deveria ter feito.

Denis olha com cara feia para Tiago.

DENIS-

Ei! É fácil de explicar!

TIAGO -

Mas é que é sobre muita coisa, saca?  
(olhando para Júlia)

DENIS -

Bem, uma amiga minha me pediu para fazer um curta para um amigo dela que se suicidou, e...

JÚLIA -

O Francis!

DENIS -

Éé! AH, Você o conhecia então.

JÚLIA (com cara triste)

sim,,,

Corte. Denis se despede de todos e vem caminhando pelo mesmo caminho que Lenora e Joana.

Cena 47 Rua da Casa de Lenora EXT./Noite

Denis vem caminhando até o prédio. Acena para o porteiro e diz:

DENIS -

Tô indo para o 204.

CARLOS -

Não tá não brother.

Denis se vira assustado e não sabe da onde veio a voz. Até que vê um jipe e dá dois passos até ele. Chegando perto, vê Lenora no banco do carona chorando e Carlos no motorista. Toma outro susto.

CARLOS-

Não tá indo não brother...

DENIS (gaguejando) -

acho que é melhor eu ir embora...

CARLOS -

também acho.

Denis desce alguns passos, pára numa árvore e começa a fazer xixi. Desce o resto da rua e começa a chorar.

Cena 48 Café de uma livraria Botafogo INT./Noite

Lenora e Denis estão sentados e se encaram.

LENORA -

Você foi um lorde. Agiu igual meu pai.  
Se você tivesse forçado, ele com certeza  
ia brigar.

DENIS -

EU SOU MEDROSO.

LENORA (levando a mão até a mão dele)

Não, não é. Você foi muito corajoso  
para ter guardado sua tristeza.

DENIS (retirando sua mão)

Não, não fui, só tive medo de apanhar. Numa briga direta eu apanharia.

LENORA

Hahahahaha

DENIS

Mas o que aconteceu?

LENORA

A gente estava indo para casa e aí ele passou de carro, porque ele mora em Santa Teresa, e disse que dava carona para gente. A gente não tinha porque dizer não. Mas aí ele começou a fazer perguntas do que eu tava fazendo, e você sabe que eu não minto para ninguém, especialmente para ele, aí eu falei que tava contigo e que você tava vindo. Aí aconteceu o que aconteceu.

Denis faz cara feia.

DENIS

Você nunca vai escolher um de nós dois?

LENORA

Você não vê, mas eu já te escolhi!

DENIS



(engasgando) Já me escolheu??? Em que mundo você ficar com ele ainda é me escolher?

LENORA

Eu te falei como ia ser, e ele já tá me cobrando, ou ele ou eu, e eu digo não posso abrir mão dele, (esticando o braço) você.

DENIS

É, mas também não pode abrir mão dele.

Denis parece abatido.

Lenora leva a mão até a mão de Denis e a acaricia, e sorri. Denis sorri também, bem devagar.

Cena 49 Alto da Torre do Castelo de Rei Carlos EXT./Noite

Denis está no alto de uma torre, prestes a cair, se segura com uma mão ao parapeito. Balança. A torre é aberta ao céu e estão ali Rei Carlos e Rainha Lenora. Rainha Lenora está travando uma dança com Rei Carlos. Ela é empurrada para o parapeito e vê Denis. Toma um susto.

DENIS (gemendo)

Tudo que poderia ter sido...você é cega. Você não me deixou (Denis cai da torre) ser... Tudo que po-de-ria ter siiiii-do... PRETO

Cena 50 Sala da Casa de Denis INT./Dia nublado

Denis está sentado, largado no chão de uma sala completamente vazia a exceção de um sofá. Está de calça jeans e sem camisa. Tosse duas vezes a segunda com bastante esforço.

Levanta-se e vai até a janela. Acende um cigarro. Olha para dentro da casa e sorrindo faz um aceno de "venha cá" aparentemente para ninguém. Depois de alguns instantes, o duplo de Denis e Murilo saem de trás do corredor agachados. Sorriem constrangidos, acenam com os braços pedindo desculpa e lamentando. Denis acena com as mãos "deixem disso".

#### DUPLO DE DENIS

Eu não sei muito bem porque, mas uma voz me disse que eu deveria contar para ele (aponta para Murilo). Tudo.

Denis dá de ombros. Murilo mostra os dentes constrangido.

Cena 51 Rua da casa de Lenora EXT./Noite

Por teletransporte, Duplo de Denis e Murilo aparecem na rua (ladeira) de Lenora. Mostra gatos.

#### DUPLO DE DENIS (olhando para o horizonte)

Eu me via voltando para ela!!!! Não importava o que eu fizesse, não conseguia seguir minha vida. Só queria voltar para ela, só pensava em outro mundo em que ela me quisesse. Nada valia mais a pena. Nada tinha mais sentido e eu me via voltando para ela. Processo que ficou conhecido como o eterno retorno do seu gatinho.

Murilo faz cara de condescendência e junta mãos ao peito. Os dois caminham pela ladeira saindo de quadro. No fundo de

quadro vemos Dinho, que vem saltitando, sorrindo e esfregando as mãos.

CENA 52 AQUARELA. Quarto de dormir de Denis INT./Fim de Tarde

Quarto só possui cama. Denis está de costas dormindo na cama, janela está próxima da cama e aberta.

DINHO OFF

Quem poderia ser o filho de Kronos se  
não o próprio Kronos?

Denis se levanta e olha a janela. A paisagem que ele vê não é real, é uma paisagem de aquarela, um Turner nos seus piores humores. Colinas de tinta.

Abre um armário com espelho e se olha.

DENIS (olhando para espelho)

Tu tomou a porrada e nem sabe da onde  
veio.

Começa a se trocar. Volta à janela e vê seu duplo e Murilo caminhando pela paisagem de pintura.

Cena 53 Colina X EXT./Dia nublado

Duplo de Denis e Murilo caminham por uma montanha. De repente, Duplo de Denis puxa Murilo para um canto e eles se abaixam atrás de uma pedra. Denis aparece no fundo de quadro e começa a subir a montanha.

DENIS OFF

Eu me lembro do dia até hoje.

Depois de Denis subir e sair de quadro Murilo e o Duplo de Denis o seguem.

Cena 54 Colina X EXT./Dia nublado

Denis está no alto de um pico e vê uma megalópole à noite. Atravessa uma ponte e para no meio.

DENIS OFF

Eu caminhava pela montanha. Havia esse negócio de mágica e via todos os prédios de cimento e vidro, que sob a luz da noite, eram sempre azuis. Sabia estar seguro na montanha, mas via a ameaça que estava no horizonte prestes a se precipitar, aquele cinza e preto, aquela história imensa de curva e vento, mas ainda estava seguro. Podia sentir o estrago que fizera à minha alma, os enormes buracos que há tanto tempo existiam e que me faziam ser o não-ser. É hora da lei de Thelema. Essa é a nossa lei e a alegria do mundo.

Denis termina a ponte e continua subindo. Paisagem vai se tornando mais surreal. Duplo de Denis e Murilo seguem-no.

Cena 55 Subida da colina X EXT./Noite

Denis continua subindo. Paisagem roxa.

DENIS OFF

Subi a montanha crente de que haveria vento e que meus olhos se fechariam sem a lembrança da cidade. Eu não percebi que ele estava lá. Me sentei na beirada do precipício, de costas para a montanha e de frente para a cidade, com os joelhos no ar.

Cena 56 Topo da colina EXT./Fim de Tarde

DENIS OFF

Sabe, as mãos no chão, pedindo que alguém me abraçasse por trás.

Homem vestido de meias-calças até a cabeça vem por trás e o abraça.

DENIS OFF

Alguém que eu sabia que não existia nessa vida.

Denis se vira para trás e não há ninguém.

DENIS OFF

E então de repente aquele tremor, aquele barulho infernal como um liquidificador e aquela montanha que não existia um instante antes (SURGE O MONSTRO KRONOS NA FRENTE DE DENIS) surgindo na minha frente com dentes. A montanha sorria. Meu medo tomou conta de mim desde os pés até a cabeça. E eu travei. Não sei quanto tempo levou, mas pareceu muito. Ele subia e subia, com seu corpo de terra ejaculando veneno. Ele sorriu e eu sabia que era meu fim.

DENIS OFF

Entretanto, no meio dos dentes dele, (SURGE UMA MULHER NOS MEIOS DOS DENTES DO MONSTRO. ESTÁ VESTIDA DE CALÇA JEANS, BLUSA BRANCA E LENÇO VERMELHO NO PESCOÇO) aquela mulher prometida que eu vi no sonho da luta clandestina diante da atrocidade, uma pequenina tão querida, presa a um dos catorze caninos de Kronos, vestida de rosa e verde, como uma fada com correntes; e ali algo se mexeu dentro de mim, uma voz que disse: "dê meia volta. Há tempo".

Tropeçando, Denis se vira e começa a descer a ladeira. Kronos aparece ao fundo.

DENIS OFF

Antes que eu percebesse eu estava de joelhos me virando e foi a primeira vez que percebi que tinha cinco anos de idade.

Denis se torna uma criança.

DENIS OFF

Corri dez passos e pude ouvir uma risada constrangida atrás de mim (MOSTRA KRONOS NO FUNDO DE QUADRO RINDO, COM AS MÃOS NA BOCA). No décimo primeiro passo tropecei e saí rolando a montanha abaixo,

Denis rola ladeira.

DENIS OFF

Sofrendo arranhões e hematomas, extremamente dolorosos e gratificantes. Quando cheguei ao sopé (DENIS ESTÁ DE

JOELHOS), havia silêncio. SUSPIRO. Então eu fui transportado.

Murilo e Duplo de Denis aparecem no fundo de quadro e Murilo faz expressão de condescendência, compreensão, juntando as mãos.

Cena 57 Quarto de Denis INT./Noite

Denis dorme. Dinho entra no quarto segurando o urso de pelúcia, senta-se na cama e coloca mão na cabeça de Denis. De repente câmera revela que o Duplo de Denis e Murilo também estão ali, ao lado da cama, com as mãos em posição de reza, com os olhares perdidos.

DINHO PARA CÂMERA

Há uma linha de cruzada que depois de cruzada seu corpo astral está materializado e seu destino traçado.

Cena 58 Quarto de Denis INT./Dia

Sol entra pela janela. Denis acorda e fica sentado na beirada da cama.

DENIS OFF

Naquela noite eu tive um sonho. Eu entrava por um pilotis,

Cena 59 Pilotis do sonho INT./Noite

Uma mesa no primeiro andar do prédio onde algumas pessoas conversam, sem sair áudio. Ao fundo camarim com fantasias e roupas extravagantes.

DENIS OFF

Subia ao primeiro andar desse prédio enorme que dava para ver todo o pátio, do que, supus, fosse uma universidade.

Cena 60 primeiro andar INT./Noite

Denis entra e vê pessoas, vê sua prima de botas pretas e seminua. É pego por um homem vestido de mulher, e se desvencilha.

DENIS OFF

No primeiro andar, minha prima comemorava anos com seus amigos. Seu irmão, meu primo, estava vestido de mulher. Caminhei mais um pouco deixando aquilo para trás.

Cena 61 Primeiro andar - Fila de pessoas no sonho INT./Noite

Denis está numa fila em frente a uma porta. Alguém se aproxima e fala com ele, mas não sai áudio.

DENIS OFF

Entrei numa fila para uma banda que ia fazer show. Alguém dizia;" vai ter show da Misto Quente"!!

Alguém vem correndo para em Denis, coloca a mão em seu braço e continua correndo.

DENIS OFF

Eu achava demais. Mas alguém vinha e dizia que eles eram muito ruins.



Cena 62 Salão do show no sonho INT. Noite

DENIS OFF

Eu não me importava, mais até, eu me sentia ofendido. Só queria ver Lenora no palco de novo. Eu caminhava por uma sala onde havia vários bancos de ...eram bancos de reza, (CAMINHA) sabe aqueles que têm em igrejas, e na frente dos bancos estava o palco, já com toda a aparelhagem.

Denis se vira com rosto vermelho e empolgado.

DENIS OFF

De repente eu ficava muito excitado porque sabia que ia encontrar a banda ANTES do show! (voz fica fraca) E aí eu era apresentado à Lenora...

Um bando de gente está ao redor de Denis. Lenora se apresenta dando um beijo no rosto de Denis.

LENORA

Prazer, Lenora. Procurei você por toda parte.

DENIS            OFF

Mas isso era estranho porque eu já conheço Lenora, então como eu poderia ser apresentado à ela?

Imagem vai ficando esfumada. Denis aparece desesperado, ajoelhado, mexendo os braços.

DENIS OFF

Então eu percebia e me desesperava.  
Eu me desesperava. Eu tentava dizer a  
ela que tinha estragado tudo, porque...

DENIS

Ei! VOCÊ JÁ ME CONHECE! A GENTE JÁ SE  
CONHECE!

Lenora sorri e dá de ombros. Pessoas se voltam ao redor dela,  
que ainda o olha.

DENIS

EU JÁ TE CONHEÇO DAQUI TRÊS ANOS NO  
FUTURO! EU NÃO DEVIA ESTAR AQUI! EU  
ESTRAGUEI TUDO!!! DESCULPA!

Lenora não ouve e vai se afastando em direção ao palco.  
Pessoas ao redor seguram Denis.

DENIS (a plenos pulmões, saltando e sendo segurado pelas  
pessoas)

A GENTE SE CONHECEU CEDO DEMAIS!!! A  
CULPA É MINHA! DESCULPA!!!

Cena 63 Carro INT. Madrugada

Denis e Rodrigo estão no banco de trás do carro.

DENIS OFF

E aí eu tinha esse amigo que falou:

RODRIGO

É, cara, é melhor assim, pelo menos,  
eles vão ficar juntos.

Denis olha pela janela.

Cena 64 Catedral EXT./DIA

Catedral em quadro. Fundo de cena é de pintura.

#### LEGENDA

Cinco meses depois.

Cena 65 Casa de Lenora INT./Noite

Carlos está mexendo no computador sentado em um sofá que corta a sala na vertical. Em um canto uma bicicleta e no outro um colchão sem lençol e sem cama e uma mesa de cabeceira bem extensa, com um aparelho de som em cima. Televisão. Luiza se aproxima se esgueirando pelo chão. Sobe por trás do sofá e chega no pescoço de Carlos, beijando-o. Carlos recua, fazendo cara de raiva.

#### CARLOS

Sai, Lenora. Eu só estou aqui porque  
não temos opção.

Lenora faz cara de muita tristeza. Carlos tira o computador de seu colo e olha para ela.

#### CARLOS

Lenora, eu estou tentando dar sequência  
a minha vida. Eu quero trabalhar agora,  
tocar profissionalmente. Não sei se vale

a pena me entregar a você de novo.  
Parece uma cilada.

LENORA.

Mas você sabe que só você me deixa  
louca. Eu te quero muito. Mas do que  
tudo.

Carlos se levanta exasperado.

CARLOS

nossa senhora, Lenora! Você não pode me  
deixar em paz; Quando foi que você me  
deixou em paz; Eu sei que NÃO foi quando  
passou cinco dias com ele isolada aqui  
na SUA casa.

Lenora sorri.

CARLOS

Eu vou bater nele porque não posso  
bater em você.

LENORA

Pára, Carlos, eu já voltei para você.  
E você também tinha a Pamela.

CARLOS

Mas eu nunca disse que a amava!

LENORA

Você sabe como são as mulheres,  
lindo. Pára de bobagem.

CARLOS

Você disse que o amava!!

Lenora se irrita, fica vermelha e começa a berrar, se  
esganando, quase chorando.

LENORA

É?? e você que quis que a Pamela  
trabalhasse com a gente? Como pode me  
cobrar alguma coisa? Você que começou  
tudo isso, quando não tava mais me  
amando, teve a Pamela, mas você acha que  
eu não sei que teve outras? Você não se  
comportava mais como meu amor.

CARLOS

Eu sempre te amei.

Cena 66 Quarto de Denis INT./ Fim de tarde

Telefone toca.

MÃE DE DENIS

É para você meu filho.

Denis não se mexe. Mãe leva telefone até o quarto, onde Denis  
está dormindo. Denis estica a mão.

LENORA

Alô?

DENIS

Não tenho nada para falar com você.

LENORA

Tem sim Denis. Não mente.

DENIS

Não tenho não.

LENORA

Mas eu quero ser sua amiga.

DENIS

Mas não pode.

Silêncio na linha. Lenora começa a chorar.

LENORA

Você não pode definhar, me promete por favor que você não pode definhar. Você é meu coração.

Denis tira o telefone do ouvido, se levanta da cama e vai até a janela.

Cena 67 Feira da Glória EXT./Fim de tarde

Denis caminha com um saco de maçãs enquanto come uma maçã. Pára para falar com uma velha e um velho que almoçam em um bar de esquina.

DENIS (abraçando o velho e a velha)

Vendo o ponto que chegamos, é melhor que nunca mais nos vejamos. Um de nós sempre terá rancor do outro. Você por eu ter tido a ousadia de te amar. A bruxa pisciana dentro de você dizia; "eu não valho a pena" enquanto a criança pisciana dizia "salve-me, transforme-me, ensine-me". E foi por esta que eu me apaixonei perdidamente com o amor de uma vida inteira. E tu também não aceitas a ousadia que tive de entrar em tua vida com o Carlos, tu consideras isto pecado. tu não perdoas que eu tenha tido a coragem de tentar ser mais importante do que ele.

Denis olha para a câmera.

DENIS

Eu não perdoo a prisão astral que me botastes.

Denis abaixa a cabeça.

Cena 68 Beco do Rato Lapa EXT./Noite

Murilo está num bar bebendo. Deixa dinheiro na bancada do bar despede-se das pessoas e atravessa rua tropeçando e levando copo na mão. No outro lado é abordado por Denis, que chega perto de seu ouvido e cochicha.

DENIS OFF

Eu vou te contar como aconteceu. Como ela fugiu de mim, como eu caí.

Cena 69 Praça do Mundo MEDIEVAL EXT./Noite.

Mostra uma colina com uma torre ao fundo. Aparecem Murilo e Denis caminhando em primeiro plano.

MURILO (para câmera e depois para o horizonte)

Todos os estudos espirituais apontam que sempre haverá essa mulher, uma mulher, rainha, só basta que sejamos verdadeiros na paixão e o eterno retorno nos dará a chance de novo, talvez um pouco mais próximo, talvez, um pouco mais próximo. Talvez com os mesmos inimigos, talvez com um pouco menos. Cada homem é irrepetível, cada homem está mais ou menos próximo de sua realização.

Cena 70 Quarto da Rainha Lenora INT./Noite

Mostra uma mão na janela, com Rainha Lenora deitada dentro do cômodo dormindo.

Cena 71 Cozinha do Castelo INT./Noite

Mostra rei Carlos na cozinha sentado em uma mesa de madeira, comendo com as mãos. Ele usa roupa branca e jóias.

OFF DENIS

Havia um velho rei. Ele não era velho, mas era um velho rei. Barba quase ruiva, encrespada bem ao estilo merovíngio.



Cena 72 Um Quarto do Castelo INT./Noite

Rei Carlos está nu de costas em pé na beirada da cama. Transa com uma mulher que está dobrada sobre a cama.

OFF DENIS

Ele tinha o maior pau da sua geração o que era bastante conveniente para um rei tanto em termos práticos quanto de orgulho. O rei sabia que não havia nenhuma mulher que ele não pudesse satisfazer, ou, em outras palavras, todas estariam submetidas a sua Vontade.

Cena 73 Hall de entrada do castelo INT./Dia nublado

Mostra hall de entrada depois, homem com faca na mão aparece na entrada do castelo e rende um dos guardas. Levando o guarda como refém com a faca em seu pescoço, o invasor caminha alguns passos, mas logo cai no chão, largando o refém e levando as mãos ao pescoço.

OFF DENIS

Ele não conhecia a terminologia mas se conhecesse saberia que a potencia de Sua Varinha era tão imensa que em qualquer duelo magico bilateral ele faria os seus desafetos terem asma e perecerem em uma hora após o golpe invisível.

Cena 74 Corredor do castelo INT./Tarde

Rei Carlos está no corredor, caminhando apressadamente, o corredor está cheio de gente, inclusive Rainha Lenora e Joana.

OFF DENIS

Mas o rei não NÃO! acreditava em magia.

Cena 75 Paisagem de florestas EXT./Noite

Mostra noite azul e floresta.

OFF DENIS

Seu Sucesso era tamanho que em nenhum momento ele parou para refletir como o seu reinado era um tanto quanto conveniente para as trevas daquele tempo. Antes de tudo, ele achava que era necessário meter a mão na merda para governar e ele fazia isso muito bem com força e carisma, com correção e prontidão, com destino e raiva. Nessa perspectiva magia era algo enrustido, oportunista e golpista.

Cena 76 Interior da floresta Ext./Noite

Mostra árvores e sombras, depois imagem se aproxima vemos um homem vestido de robe com as mãos juntas na altura do ventre.

OFF DENIS

O rei banuiu todos os magos para a floresta encantada.

Câmera avança e mostra outro homem vestido de robe que com uma faca corta a cabeça de um bode.

OFF DENIS

Era desse rei que íamos tentar roubar  
a Rainha.

Cena 77 Varanda ou terraço do castelo INT./Noite

Mostra Rainha vestida com roupa de balé olhando para o céu de  
forma abobalhada.

OFF DENIS

No início não sabiam se chamaria Lúcia  
ou Sophia. Olharam para ela bem de  
pertinho no berço, diz-se que a ama de  
leite.

Cena 78 Quarto de rainha Lenora bebê, quando ainda não era  
rainha INT./Dia nublado

OFF DENIS

Acabaram escolhendo Lúcia, o que foi  
muito preciso.

Quarto é verde e branco. Ama de leite com Rainha Lenora no  
colo, ao seu redor, há uma luz branca que acompanha essa  
personagem.

Cena 79 Planície EXT./Dia nublado

DENIS OFF

Lúcia era muito desleixada com o corpo,  
lânguida, não era boa na equitação.

Rainha Lenora criança com sua família de nobres andando à cavalo. Lenora está em cima de um cavalo e faz cara feia e tiram-na de cima do cavalo.

DENIS OFF

Não era boa com o arco também.

Cena 80 Casa da família de Rainha Lenora, que ainda não é Rainha e se chama Lúcia e é criança INT./Dia nublado

Pai de Lenora está em reunião, com outro nobre. Lenora com doze anos já é corporalmente bem desenvolvida e muito bonita. Aproxima-se da mesa, sem que o pai veja, e fica olhando o convidado nos olhos que retribui.

OFF DENIS

Mas a medida que foi envelhecendo, perceberam, sem contar nada para ela, que seus olhos brilhavam quando algum homem que ela se interessava aparecia por perto.

Cena 81 Casa da família de Rainha Lenora, que ainda não é Rainha e se chama Lúcia INT./Noite

Casa simples, mas com pequena biblioteca. Lenora vem apanha um livro e se senta na mesa.

OFF DENIS

Com o passar do tempo, se dedicou aos estudos. Mas ficou claro, que um bom casamento poderia ser arranjado.

Cena 82 Pátio da cidade EXT./Noite

Mostra cidade pegando fogo, sendo atacada.

OFF DENIS

Então vieram as noites do trovão, e Carlos aos vinte e dois anos foi o único capaz de defender a cidade dos bárbaros. Foi proclamado rei, depois dos três meses de guerra. E governa há nove anos.

Cena 83 Palácio do Rei INT./Noite

Festa. Muitas pessoas conversam e bebem vinho. Lenora e Carlos se encaram.

Cena 84 Quarto no palácio do rei INT./Noite

Lenora e Rei Carlos sobem as escadas fugindo dos convidados e entram no quarto. Fazem sexo selvagem, viril, atracado. Cenas de provocação mútua. Certo nível de violência.

Cena 85 Igreja INT./Igreja

Lúcia e Rei Carlos estão se casando. Beijam-se. Coroa de rainha é colocada na cabeça de Lúcia.

REI CARLOS

Meu querido povo, Lúcia é minha amada.  
Mas quero que a chamem de Majestade  
Lenora!!!!

O povo aplaude e dá vivas.

Cena Rua da cidade EXT./Dia

Denis caminha na feira medieval da cidade.

DENIS (para a câmera)

Mas existem outros destinos. Existem outros segredos.

Pelas costas câmera acompanha Denis cruzar a feira e no final dela ele para, e no fundo de quadro vê-se a torre do castelo dos reis. Dia se torna noite escura pelo azul marinho.

Cena 86 Alto da torre do Castelo de Rei Carlos EXT./Noite

Estão no terraço Rei Carlos, Lenora e um mago. Carlos está nu e Lenora está com duas fitas, uma em cada coxa e de resto está nua. O mago faz gestos para cima e para baixo com as mãos e o tronco. No chão está traçado um desenho, bem mais complicado que um pentagrama. Caem trovões prateados em todos os lugares, inclusive sobre os personagens. Lenora e Carlos vão em direção um ao outro e se trombam de peito, caem no chão. Quando Lenora vai cair, Carlos a segura. Ela o empurra com violência. Se debruça no parapeito da torre. Volta para a "arena" desenhada no chão. Mago dá a largada de novo, e Carlos e Lenora se atacam, com os braços, caem no chão e rolam. Repentinamente Carlos fica por cima e estão transando. Ela arranha o rosto dele e escapa. Corre para fora do desenho no chão, indo de encontro ao parapeito de novo. E então, áudio some, cena congela e Lenora vê a cidade, toda escura, no horizonte, se escurecer ainda mais, e apenas um ponto de luz que sobra no horizonte. Um ponto que se mexe por uma rua. Ela fica em pé se esforçando para compor uma postura e dá um beijo no ar vazio para o horizonte e fala.

RAINHA LENORA (para o horizonte e estendendo a mão)

Prazer, Lenora. Eu procurei você por toda parte.

Então Carlos salta sobre as costas dela, e ela cai no chão, arrastando o rosto, sangrando e gritando e novo sexo começa, com os pés de Lenora no alto balançando. O mago se aproxima e

lança trovões prateados, sobre o acasalamento. CORTE PARA MESMA CENA ALGUNS MINUTOS MAIS NA FRENTE. Rainha Lenora está escovando os cabelos, mago está reunindo coisas e rei Carlos está mexendo-se, esbravejando.

REI CARLOS

Não sei que te aconteceu. Ou fomos nós. Fomos nós né?

Lenora dá de ombros. Depois, parecendo preocupada:

RAINHA LENORA

Eu também não. Mas não se preocupe.

Rainha leva mão à boca e começa a roer unha.

RAINHA

Nós poderemos fazer de novo. Nós alcançaremos a Significação.

Rei Carlos senta-se e leva mão ao rosto, pensativo e suado.

Cena 87 Quarto de Rainha Lenora EXT./Noite

Denis sobe as paredes pelo lado de fora do castelo escalando para o quarto de Rainha Lenora usando cordas, como um ladrão. Quando ele chega no quarto dela a janela está fechada. Mas Lenora o vê, e ao redor dele, uma luz intensa brilha. Ela abre a janela e beijam-se.

Cena 88 Cozinha do castelo INT./Noite

Rei Carlos está comendo com as mãos. Um tremor é ouvido. O rei levanta a cabeça e mostra uma expressão de horror. Sai correndo da cozinha

Cena 89 Quarto da Rainha Lenora INT./Noite

Rainha e Denis se beijam. Denis faz cara de satisfação e arrogância, jogando longos cabelos para trás.

DENIS

Sua mala já está preparada?

Lenora fica horrorizada.

LENORA

Você não pensou que...?

Denis fica com cara horrorizada. Começa a ficar vermelho e balbuciar. Ouvem-se passos no corredor e um grito.

RAINHA LENORA

Rápido dentro do armário.

Rei Carlos entra esbravejando e arfando no quarto. Olha furioso para Lenora.

REI CARLOS

Você não vai escondê-lo por muito tempo.

RAINHA LENORA



Cala-te! Eu serei a primeira a  
entrega-lo! *Quando* for a hora...

Cena Quarto da rainha INT./Madrugada

Joana vem e abre armário.

JOANA

Pode sair! Rápido!

Denis sai do armário tossindo.

JOANA

Carlos tem total consciência de que você  
existe. Você não vai poder usar a saída  
dos amantes. Ao contrário de todos os  
outros, você está jurado de morte. Vai  
sair na minha carroça particular.

Cena Saída do palácio EXT./Aurora

Carroça de Joana parte do castelo em alta velocidade. Joana  
grita com cavalos.

Rei vê isso de longe

REI CARLOS

Tu não penses em voltar, Jojo.

Cena 90 Trono do Rei INT./Dia

Rei está com mão no rosto, pensativo e expressão triste. Entra conselheiro. Faz medida. Rei assina papéis que lhe são entregues.

REI CARLOS

Fazem semanas que ela está assim.  
Dissociada. E ela está cada vez mais  
violenta na cama.

Cena 91 Quarto do casal INT./Noite

Rei e rainha transam violentamente. Rainha veste-se toda de preto, inclusive partes íntimas. Unhas arranham, boca faz sangrar, golpes com o braço enforcam o pescoço do Rei. Mas no fim Rei fica por cima e penetra nela, com violência, ambos exibindo prazer. Rainha grita muito alto.

Cena 92 Floresta EXT./Noite

Mago velho está fazendo poção em um caldeirão. Denis está sentado em um cotoco. Coruja vem pelo ar piando e chega no braço de Denis. Denis parabeniza-a e retira mensagem de sua pata.

RAINHA LENORA OFF

Lindo, não é seguro que venhas. Ainda  
não posso ir embora. Espere por mim, MEU  
AMOR.

Cena 93 Floresta EXT./Aurora

Mago velho está sentado em uma cadeira de balanço. Denis acorda.

MAGO VELHO

Parece que as coisas mudaram.

Estende um papel para Denis. Denis olha para sua mão sem entender, depois expressão de entendimento vem ao rosto, olha para coruja e abre papel.

RAINHA LENORA OFF

Está tudo pronto. Vamos usar os meus cavalos. As seis da tarde que é a hora que ele ainda está caçando.

Cena 94 Quarto de Lenora INT./Fim de tarde

Lenora está toda vestida de preto e da janela vê carroça de Denis no horizonte. Vira-se para câmera e sua expressão é perversa.

Cena 95 Quarto de Lenora EXT./Noite

Denis aparece na janela, subindo pelas cordas. Lenora apenas aponta para cima, Denis assente e continua subindo.

Cena 96 Terraço da Torre EXT./Noite

Lenora está sentada de costas para câmera. Denis entra correndo por uma escada e vai em direção a ela. Abraça-a por trás e beija seu pescoço. Ela não esboça reação. Seu rosto está branco, lívido. Ele a larga, faz cara de desentendimento. E depois tensiona seu corpo em alerta, levemente agachado. Câmera anda e mostra Dinho em uma parte do terraço.

DINHO

Quando viu, compreendeu de imediato, o conhecimento caiu sobre ele como um golpe de martelo e foi quente como o sol do deserto que era a apoteose de todos os desertos. Quantas vezes subira aqueles degraus, para então ser descartado, dobrado, rejeitado? Talvez não voltara para o começo, quando as coisas podiam ter sido alteradas e a maldição do tempo suspensa, mas voltara sempre àquele momento na torre mágica, quando finalmente compreendera que sua missão imprevidente, irrefletida, acabaria sendo bem-sucedida. Quantas vezes não tinha viajado num círculo fechado como o anel da presilha que um dia prendera seu umbigo, seu próprio tet-ka can Gan? Quantas vezes ainda passaria por lá? Oh, não, ele gritou, Por favor, não de novo! Tenha piedade! Tenha misericórdia! As mãos o puxaram para frente com indiferença. As mãos da Torre não conheciam misericórdia. Eram as mãos do destino e elas não conheciam misericórdia. Sentiu um cheiro álcali, amargo como lágrimas. A floresta além da beirada era verde, úmida, sem traços salvo o débil, enevoadado contorno das montanhas que se esboçavam no horizonte. O cheiro sob o álcali era o da erva-do-diabo que trazia sonhos doces... pesadelos... morte.

#### DUPLO DE DENIS OFF

*Mas não para você, pistoleiro. Nunca para você.*

Duplo de Denis entra em quadro e olha para Denis, que está congelado e estarecido. A medida que fala, Denis vira o rosto em sua direção, com expressão de horror.

#### DUPLO DE DENIS (para Denis)

*Nunca para você. Você obscurece. Você muda de cor. Posso ser brutalmente franco? Você continua.*

DUPLO DE DENIS (para Denis)

*E a cada vez esquece a última vez. Para você, cada vez é a primeira vez.*

DINHO E DUPLO DE DENIS EM CORO

Ele fez um último esforço para recuar. Inútil. O destino era mais forte. Denis atravessou a última porta, aquela que sempre procurava, aquela que sempre encontrava. Ela se fechou suavemente atrás dele.

CORTE. (como se voltasse no tempo alguns instantes) Denis vem correndo pela porta que entrou para abraçar Lenora que está no parapeito, ela desvia e, atabalhoadamente, ele cai pelo parapeito, torre abaixo.

Raul esfumaçado aparece nas nuvens.

RAUL

Não tem meio termo. Ou sim, ou não.  
Sucesso é tua prova.

CORTE. (volta ao primeiro momento da cena já com Denis agachado e tensionado) Na posição de tensão agachado, Denis é dominado por trás por Rei Carlos com um faca em seu pescoço. Lenora se afasta e ri. Faz gesto de "cortem a cabeça" e Carlos enfia faca no crânio de Denis. Denis sai cambaleando. Lenora e Carlos sorriem. Denis coloca mãos nas temporais. Há sombras em seu rosto. Ele cambaleia até os outros dois e quando chega perto luz ilumina seu rosto e ele sorri largamente, enquanto se agacha lentamente. No horizonte, estouros de luzes roxas e verdes. Uma luz branca começa a sair do corpo de Denis, no início como um filete, depois como um gigantesco painel. Lenora e Carlos recuam, se agachando, assustados.

DENIS

Eu quis o perigo e até ...

Denis cai de joelhos. Lenora se aproxima e dá a mão a ele.

DENIS

(cantarolando) Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda assim pude trazer você DE VOLTA para mim!!!!... ( a plenos pulmões, sem cantar, mas alegre)! quando eu descobri que é sempre só você que me entende do início ao fim!!!! e é só você que tem a CURA do meu vício de INSISTIR nessa saudade (vai murchando) que eu sinto de tudo que eu ainda não VI!!!!

Lenora se compadece e chora.

DENIS (em fúria)

Se eu sou seu coração e não seu homem não tem porque eu continuar falando com você! Você só precisa que eu viva! E eu acho que sou seu homem e você esqueceu que mulher é!

Denis cai no chão.

OFF DENIS

Então eu vira todas as minhas mortes, todas as vidas em que já subira até aquela torre, todas as vezes que eu cometi o mesmo erro, todos os universos que eu desperdicei, ao chamado daquela balada tão suave e doce... Confiante em Lenora como um cão, fora, sem exceção, traído por ela 933 vezes. Como em todas as outras, dessa vez implorei à deusa Nuniyanni para que me tirasse do alto da

torre com vida, embora soubesse que a incrível Deusa tivesse muitos outros assuntos a fazer e que eu não significasse nada para a nossa galáxia. Talvez estando enganado e sendo importante para o destino de todas as almas de minha contemporaneidade, dessa vez a amada deusa me atendeu, e pude seguir a minha vida em conformação ao sofrimento real do amor partido. Já nem sei se tudo isso aconteceu mesmo. O que sei é que ali, no ponto escuro da minha queda, estava a divisão até o lar, que me levava de destino indesejado a destino indesejado, esperando uma nova vida, uma nova sorte, uma nova chance.

Cena 97 Trono do Rei INT./Dia de sol

Rei está triste no trono. Entra conselheiro, faz mesura e passa papéis. Rei assina. Caminha para fora da sala.

Cena 98 Alto da torre EXT./Dia de sol

No lugar onde havia corpo de Denis, há um vórtice de luz branca. Lenora está agachada de quatro, com a parte da frente mais abaixada que a de trás, olhando atentamente e com olhos arregalados. Ao seu redor, é expelida uma luz roxa. O mago real está ali com muitas ervas rezando em voz baixa. Rei entra pela porta. Olha para o mago. Mago retribui olhar e mexe cabeça em sinal de "não". Carlos faz cara de muito triste e cai de joelhos.

Dinho aparece caminhando.

DINHO

A Significação sempre chega, sempre vence, não importa se os humanos tem a honradez de alcançá-la.

Cena 99 Casa de Raul INT./Tarde

Raul está sentado em um sofá e tem um microfone na mão. Usa óculos escuros, blusa vermelha e jaqueta preta.

RAUL

Bom, que que eu posso desejar para 88? Ééé, Muita paz, muito amor para toda humanidade, uma humanidade que vem clamando por isso durante séculos, desde os primórdios do tempo, e a gente continua ali, firme lutando, ganhando aos poucos, plantando sementes, que essas sementes desabrocham em ervas, que vão alimentar um homem como eu como você, e coisa se processa assim, toda essa junção de força, de atitudes, de medidas, de luta, de coisas de gênios brilhantes, de coração, que... essa junção toda cada vez mais elas se juntam e viram um total, ficam um todo, eu acho que esse todo, vem contribuindo cada vez mais, apesar da mentira do sistema, que continua camuflando as coisas, mas isso está se tornando cada vez mais forte em matéria de sociedades alternativas, no mundo. Há um incoformisvo, inconformismo, digo, éé, vigente, tangível e palpável, solto no ar. Eu creio que 88 vai ser mais forte que o ano que passou, e cada vez mais, porque o Homem não se conforma nem nunca vai se conformar, com esse estabelecimento medíocre, falso, de valores e de verdades absolutas, ao qual nós NÃO ACREDITAMOS NISSO. Nós somos crianças que estamos começando, e crianças perigosas . é isso.

Inclina-se para trás segunrando o microfone.

Cena 100 Antiga casa de Murilo EXT./Dia



Eduardo vem subindo a rua, visivelmente agitado, vestido com um sobretudo marrom e óculos de grau. Bate à porta de Murilo. Quem atende é alguém que ele não conhece.

EDUARDO

Eu tive notícias de Murilo. Notícias ruins. Onde ele está?

SUJEITO

Murilo se mudou. Você quer deixar algum recado? Eu envio as correspondências para ele.

EDUARDO

Em qual endereço? Entenda, eu sou um amigo de velha data. Pode confiar em mim.

SUJEITO

Infelizmente, ele me proibiu de dar seu novo endereço.

EDUARDO

Entendo. Ele está doente?

SUJEITO

Sinto não poder informar.

EDUARDO

Gostaria que você me informasse. Eu não o vejo a dez anos.

SUJEITO

Eu não o farei.

Encaram-se. Sorrindo, Eduardo abaixa levemente a cabeça e tira uns papéis do bolso interno do sobretudo.

EDUARDO

Então, por obséquio, copie estes papeis e envie para ele. Eu espero aqui.

O sujeito recebe fazendo o gesto lentamente e vai para dentro casa.

CORTA PARA:

Eduardo recebendo os papéis de volta. Vai embora descendo ladeira.

Cena 101 Pátio externo da nova casa de Murilo EXT. Fim de tarde

Murilo está vestido de sobretudo preto. Faz uma espécie de caminhada, umas piruetas enquanto fala.

MURILO falando com a câmera

Eu tive uma visão. A maioria pensa o tempo através da transformação. Progressão. Astrólogos, taoístas, fogo, terra, ar e água. Eles veem uma espiral na base do progresso espiritual, (MOSTRA UMA ESCADARIA EM ESPIRAL EM TRÊS DIMENSÕES EM UM FUNDO BRANCO), você era pequenino, e agora é um pouquinho maior, e daqui a pouco vai ser maior ainda, em outra vida, você tá entendendo. E assim você vai evoluindo. É um PROGRESSO. Até que alguns dizem que lá do topo da

espiral (MOSTRA HOMEM SUBINDO A ESPIRAL E QUANDO CHEGA NO FINAL DELA, NÃO HÁ MAIS DEGRAUS, MAS MESMO ASSIM ELE DÁ UM PASSO E CAI NO VAZIO) você dá um passo em falso...e cai no vazio, tá entendendo; mas e se quem evoluísse, não fosse você, mas o mundo; Você continua sempre o mesmo, mas a evolução está no mundo que te possibilita mais escolhas e mais prazer. Seria uma outra forma de ver. (MOSTRA MURILO CAMINHANDO PELO PÁTIO, DANDO PASSOS LARGOS E OLHANDO PARA O CHÃO DEPOIS OLHANDO PARA O CÉU) Eu tive essa visão, você tá entendendo, que veio de um sonho. Não tempos contínuos, mas paralelos. Você não se transforma de uma vida em outra continuamente, você some e você reaparece, em um eterno retorno, onde os mundos se transformam. É uma forma de combater a própria diluição da morte, porque faria daqui, o mundo real, sempre o lugar para onde se ir. Nunca haveria uma escada para o paraíso. Sempre aqui e agora diferentes. Em retorno de possibilidades. Espero que gostem.

MURILO (conversando com a câmera)

A verdade dentro de mim é que ao perdê-la perdi o sentido de vida. A verdade interna é uma só e isso não importa. Ela só marca a quantidade de tristeza que há dentro de você. O que importa é daqui para frente.

Murilo sai de casa e caminha até a praça.

CENA 101 Praça Quintino Bocaiúva - Humaitá EXT./Noite

Hórus é um pássaro gigante no meio da praça. Do chão vários focos de luzes apontam para cima. Murilo passeia pela praça e câmera acompanha. Mostra dentro dos focos de luz e vemos sempre o espectro\fantasma de um pessoa em cada foco de luz,

alguns personagens desse roteiro outros não. Caminha pela praça enquanto fala.

#### MURILO

Estavam todos lá torcendo para que eu não morresse. Pedindo um novo dia, se não eles iam se retirar. Mas eu já tava velho. Tinha 55 anos e tinha tido uma vida... rica. Era fundador de uma ordem ocultista e considerada satanista no Brasil. Lutara contra a ditadura e tivera apenas mulheres para sexo; fora aficionado por ensinar, tudo que estivesse ao meu alcançasse ensinar, mas sempre com método e objetividade. Lutara pelos direitos das obras do Crowley para o Brasil, mas perdera para a justiça americana.

Caminha um pouco mais pela praça. Hórus pia, Hórus bate as asas. Marcelo se dirige a um dos focos de luz e quando "entra" nele, vai descendo, como se houvesse uma escada. Alguns fantasmas dão gritos ou gritinhos. Murilo some escada abaixo. Hórus abre as asas e de repente ele é imenso, e quando fecha as asas, toda a praça some dentro delas. Plano fechado em Hórus. Plano abre e Kronos está ao lado de Hórus no chão agonizando.

Cena 102 Rua da catedral EXT./Fim de tarde nublado

Raul vem dirigindo uma moto. Está de jaqueta de couro preta e óculos escuros. Estaciona a moto perto do jardim do prédio. Caminha o pilotis do prédio. No fim do pilotis há uma porta para uma catedral. Raul entra e vê bancos de reza vazios e um altar vazio. Não há símbolos na catedral. Apenas luzes de vitrais que se espelham nas paredes, mas sem desenhos. Vai em direção ao altar e, atrás, vê uma porta, que abre. Atrás, em outro cômodo, ele vê um "labirinto", onde vê chafarizes soltando água, pequenos pátios e ruas internas à catedral. Desce uma ladeira interna e chega a um chafariz. Joga uma pedra na água. Sorri. E ajusta os óculos.

Entra vinheta musical, enquanto câmara vai fechando nos óculos e sorriso de Raul: Faze o que tu queres, pois é tudo da lei, da leeeeeei".

FIM